

Antonio Martines Brentan



Nascemos para o Mundo



DADOS BIBLIOGRÁFICOS DO AUTOR:

Dezembro 2016 - O Tempo não apagou
Fevereiro 2018 - Veredas da Alma
Julho 2019 - Estranho Valores
Junho 2020 - A Vida, A Morte, e o Amor
Janeiro 2021 - Perdão e Recompensa
Janeiro 2022 - Caminho das Pedras
Janeiro 2022 - Onde se Esconde a Felicidade
Janeiro 2023 – Um Amor de Verdade
Janeiro 2023 – Conhecimento, nosso maior Tesouro
Janeiro 2023 – A força do amor
Janeiro 2024 – Romances no Agreste
Janeiro 2024 – De Volta ao Passado
Janeiro 2024 – Regeneração/ Uma Longa Página
da História de Oscar Julião
Janeiro 2024 – Um Estranho Amor de Mãe
Janeiro 2024 – Tempos Melhores Virão
Janeiro 2024 – Recomeçar, para ser feliz
Fevereiro 2024 – A frágil justiça dos homens
Março 2024 – Um lugar chamado Caprinos
Julho 2024 – Guiados pelas mãos do destino
Abril 2025 – Filhos, esses nossos desconhecidos
Abril 2025 – Coletânea de Prefácios e Introduções
Junho 2025 – O Caminho da Verdade
Agosto 2025 – Cortinas Sobre a Mente e o Passado
Setembro 2025 – Ira e o Índio Ari
Outubro 2025 – Vidas Cruzadas
Dezembro 2025 – Somos Apenas o que somos
Janeiro 2026 – Um cabra chamado Jeremias
Fevereiro 2026 – Síndrome dos Novos Tempos
Junho 2026 – A Mucama

NASCEMOS PARA O

Mundo

escrito por

Antonio Martines Brentan

SÃO SEBASTIÃO PONTAL - MG
SETEMBRO DE 2026

Primeira edição | Setembro de 2026

Copyright © 2026 by

Antonio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2026] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação e composição: Marcos Ferreira

Revisão gramatical: Autor

Capa e composição: Marcos Ferreira

Revisão do Projeto: Zara Lúcia

• • •

Disponível online

<https://www.antoniomartinesbrentan.com.br>

NASCEMOS PARA O

Mundo

escrito por

Antonio Martines Brentan

SÃO SEBASTIÃO PONTAL - MG
SETEMBRO DE 2026

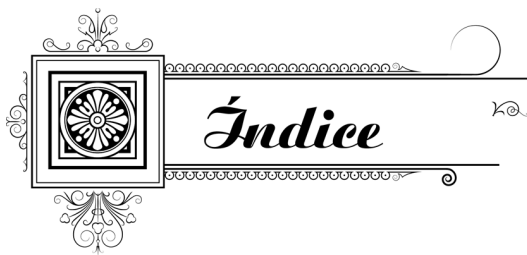
**Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)**

Brentan, Antonio Martines

Nascemos para o mundo / Antonio Martines Brentan.
- 1. ed. - São Sebastião do Pontal, MG : Autor,
2026. 230 p.

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro.
3. Família - Ficção. 4. Vida rural - Ficção. 5. Relações
familiares - Ficção. I. Título.

CDD 869.93



Índice

Dedicatória	9
Prefácio	13
Introdução	17
1. O Paraíso Escondido	21
2. A Fé no Futuro	29
3. Cem Anos Atrás	33
4. O Casamento de Domingos e Celina ...	39
5. Conflito Familiar	45
6. Encrenca à Vista	53
7. Fuga Planejada	59
8. Emancipação de Domingos	65
9. O Terceiro Transfuga	73
10. Sr. Pedro Resignado	81
11. Notícias de Olavo	87

12.	O Dia Mais Feliz, da Vida de Olavo	95
13.	Segredo Revelado.....	103
14.	O Progresso de Olavo.....	109
15.	As Estratégias de Genésio.....	115
16.	Amar é Sofrer.....	123
17.	Retorno a Casa Paterna	129
18.	Os Filhos Pertencem ao Mundo	135
19.	Casamentos à Vista	143
20.	As Férias de Olavo	151
21.	O Duplo Idílio.....	159
22.	A Vida na Cidade.....	165
23.	As Coincidências da Vida	173
24.	Mundo Pequeno	181
25.	Uma Tarde de Alegria	187
26.	A Redenção de Luzia.....	193
27.	Feliz Reencontro.....	201
28.	Mais uma Despedida.....	209
29.	Liberdade de Escolha	217
30.	Epílogo.....	221

DEDICATÓRIA

Quando criança, ouvia histórias que minha saudosa mãe, Jenoefa Alvina Martinez contava, dos tempos que era criança, que teria nascido e crescido na região de Macaubal-SP, mais tarde meu avô Henrique Brentan, teria mudado com sua família para região de Poloni-SP, como trabalhavam como colonos, em lavouras de café, costumavam de tempos em tempos, mudar de uma fazenda para outra. Nomes de povoados como Montevidéu, Junqueira, Vila União, Pavão, faziam parte dessas suas histórias,

que estavam gravadas em sua memória, e revelavam fatos e reminiscências de sua infância e adolescência. Minha mãe nasceu no ano de 1932, se casou no ano 1948. Logo depois seu pai, meu avô Henrique Brentan, mudou com sua família, para o sertão de Santa Albertina-SP, como costumavam dizer naqueles tempos. Poucos anos depois meus pais, que já tinham duas filhas pequenas, também se mudariam, para a mesma região, no córrego Schmidt. Onde eu viria nascer no ano de 1956. Faço oportuno dizer que Santa Albertina fora fundada em 1947, e elevada à categoria de Município em 1959. Não obstante parte das famílias de meu avô e de minha avó, terem se mudado daquela região, ficaram alguns remanescentes das famílias Brentan e Civeti, que acreditamos morarem por lá, até os dias de hoje.

Gostaria também lembrar, que na segunda parte, de meu quinto livro “Perdão e Recompensa”, publicado em janeiro de 2021, faço um relato sucinto, da trajetória da família de meu saudoso pai, João Martinez, e de quando conheceu e casou-se com minha mãe, na região de Poloni— SP, depois sua

vinda para Santa Albertina -SP, onde comprou um pequeno sítio no córrego do Schimidt, localizado próximo ao Rio Grande, onde vivi minha infância e adolescência, ao lado de meus irmãos, primos e colegas, e só nos mudaríamos no ano 1971, para uma chácara próxima a Santa Albertina.

Por essa razão, resolvi localizar a história fictícia desse meu romance, naquela região de Poloni-SP, em homenagem e consideração a grande família Brentan, a qual faço parte, e tenho orgulho pertencer, e sentir por todos seus integrantes, profundo respeito e carinho, com humildade dedico esse meu trigésimo trabalho, o romance “Nascemos para o mundo”.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 09/06/2026.



PREFÁCIO

A paternidade e a maternidade, talvez sejam as mais relevantes responsabilidades, que o ser humano assume, perante as Leis de Deus, e a sua própria consciência, quando constitui uma família. Não obstante ser uma missão gratificante, se reveste de responsabilidades, cuidados e preocupações por toda uma vida. Não saberíamos dizer até que ponto, um pai e uma mãe seriam capazes em abdicarem de si mesmos em favor de um filho. Mesmo que esse filho não demonstrasse ser merecedor de tanta dedicação e desvelo, para os pais não existem filhos indignos.

Alguns podem questionar a veracidade dessa declaração, alegando que nem todos os pais, pensam e agem dessa maneira. Concordo plenamente, por entender que, apesar de Deus ter concedido ao ser humano, capacidade biológica para procriação, nem todo ser humano, ainda esteja preparado, moral, sentimental e racionalmente, para assumir tamanha responsabilidade. Por essa razão, já dissemos: A paternidade e maternidade, são missões sagradas, que Deus outorga a todos, e cada um responderá perante Suas Leis Sagradas, pelo desempenho dessa sua missão.

A mesma capacidade biológica, Deus concedeu aos animais irracionais, mas esses seguindo seus instintos naturais, cumprem suas missões paternas plenamente, cumprindo devidamente suas obrigações, não deixando nada a desejar, servindo-nos como exemplos a seguir.

Reportando mais a população rural, no passado os filhos ainda muito jovens, começavam ajudar os pais, na árdua tarefa de ganhar o sustento para a sobrevivência, a capacidade de trabalho de uma família, era avaliada pela força de trabalho de seus

integrantes, todos trabalhavam juntos, com o mesmo objetivo. Geralmente depois do casamento, a filha seguia o marido, o filho continuava trabalhando para o pai, até encontrar um trabalho, só então se emancipava, desligava dos pais e começava trabalhar para si, praticamente iniciava da estaca zero, assim como seus pais e seus avós começaram suas vidas. Com muito trabalho, dedicação e perseverança, à medida que iam formando suas famílias, iam se estruturando.

Não obstante os pais sentirem as dificuldades de não saberem ler e escrever, por ignorância achavam que assim como eles, os filhos não careciam dessa necessidade, e a população rural continuava crescendo continuamente, sem saber ler e escrever. O Estado por negligência ou incompetência, permitia a continuidade da situação. O que não acontecia com a população urbana, que dispunham da orientação escolar. Essa particularidade acabou por depreciar e denegrir a capacidade, e a imagem do trabalhador rural, como se fosse inferior, se comparado ao trabalhador urbano, principalmente quando ele precisou deixar o campo para ir morar

e sobreviver na cidade. Imaginam as dificuldades de uma pessoa analfabeta, nas ruas de uma grande cidade, se sentiria completamente inferiorizado e perdido, diante de tantas informações, por ser analfabeto não conseguiria decifrar.

Em minha modesta opinião, analisando nossa sociedade como um todo, considero o trabalhador rural brasileiro, como sendo o indivíduo menos reconhecido e considerado, que fora mais sacrificado ao longo de os tempos, devido suas condições subalternas, de dependência e vulnerabilidade.

Não obstante os Estados brasileiros, com o apoio do Ministério da Educação, terem mudado de postura a partir da segunda metade do século passado, uma certa resistência por parte da população jovem, impede que o analfabetismo seja reduzido significativamente, quando o correto nessa faixa etária, já deveria ter sido erradicado.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 19/06/2026.

INTRODUÇÃO

A história que temos em mente escrever, como as que temos escritos, de natureza fictícia, procurará explorar a saga de uma família, que a princípio procurou isolar-se, invadindo uma área de terras no interior de uma mata, pertencente ao Estado, com a intenção de ali se instalar e criar os filhos, ensina-los trabalhar, ser pessoas de bem, e se possível mantê-los sempre juntos. Pensando assim, o patriarca decidiu transformar seu pequeno sítio em uma lavoura de café, onde haveria trabalho para todos. Sem imaginar

que um dia cresceriam, fazendo uso de seus livre arbítrios, teriam vontades próprias, e descobririam que o mundo ia além daquela comunidade rural, em que foram criados, poderiam aventurarem em busca do que imaginavam melhor para suas vidas.

Atrás dissemos que a paternidade e maternidade são missões sagradas, isso não significa que os filhos são propriedades dos pais, há quem diga que os filhos pertencem ao mundo, o que não deixa de ser uma verdade. A missão dos pais consiste em primeiro lugar amar a seus filhos, criar, educar, ensinar, orientar, dar o bom exemplo. A natureza nos dá o exemplo dos animais irracionais, no devido momento os pais, abdicam de alimentar os filhos, para que aprendam por si, encontrar o seu alimento, depois a defender-se sozinhos dos perigos, de encontrar uma companheira, de governar sua própria vida. Não obstante a responsabilidade e os deveres dos racionais ser mais complexas, vai chegar o momento que devemos aceitar e deixar, a exemplo de nossos irmãos inferiores, que nossos filhos sigam seus caminhos, conforme desejam.

Retê-los seria cercar suas liberdades, que é contrária a Lei Divina, então temos que ter a consciência, que devemos preparar nossos filhos, para que possam construir seus próprios destinos. Mas antigamente por medo, por insegurança, ou mesmo por egoísmo, os pais impediam que os filhos partissem, criando assim uma relação prejudicial de dependência muito forte.

Temos que ter em mente, que assim como nós, nossos filhos, nossos netos, somos espíritos seculares, que respondemos por dívidas pretéritas, todos temos um passado a expiar, e provas a serem superadas, negligenciar esses compromissos, seria estacionar espiritualmente, uma vez que o espírito não retrograda, mas sua missão é evoluir continuamente. Para isso Deus, concedeu-nos o livre-arbítrio, para através de nossas iniciativas, resgatarmos nossas dívidas. A superproteção é prejudicial, torna a pessoa fraca e dependente. Enfrentar os desafios da vida e do mundo, requer coragem e determinação, desenvolve nossa inteligência e capacidade, por essa razão nascemos no mundo.

Outro aspecto que todo individuo necessita adquirir, a fé em Deus, depois, acreditar em si mesmo, são valores individuais, próprio de cada um, que nos fortalecem e permitem que sejamos vencedores, materialmente e espiritualmente falando.

Em nossa história chegará o momento em que Sr. Pedro e Dona Ana, sentirão fracassados em suas missões como pais. Mas chegará também o momento, que os desígnios da vida, mostrarão a eles, que não fracassaram como imaginaram. Que existem coisas na vida, que independem de nós, que todo ser humano, a cada existência, assim como a eles, e a cada um de nós também, temos nossa própria história a protagonizar.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 22/06/2026.

O PARAÍSO ESCONDIDO

A pequena Vila Rosa, à época não era propriamente uma cidade, mas um pequeno povoado localizado na região de Monte Aprazível, no interior do Estado de São Paulo, um vilarejo, com algumas centenas de moradores, cercada por muitas pequenas propriedades rurais, onde morava uma população bem superior ao do vilarejo. Enquanto a economia da zona urbana, concentrava em alguns estabelecimentos comerciais, e outros tantos menores, dedicados a prestações de serviços, para atender às necessidades de toda comunidade. Na

zona rural se produzia quase tudo, mas as lavouras de café predominavam, e eram a principal fonte de renda da região, que de certa forma garantia trabalho e a sobrevivência de toda população.

O café por ser uma cultura sensível e instável, que depende muito da normalidade climática, é facilmente afetada e prejudicada pelas intempéries, como, escassez de chuvas, precipitações de geadas ou chuvas de granizo, comprometem seriamente a produção, logo, o ano que não havia colheita, ou a produção sofresse grande redução, refletia diretamente na economia de toda população. Isso porque as populações urbanas e rurais, de certa forma eram interdependentes, uma dependia da outra, se interagiam colaborando reciprocamente. Como se dizia no interior, “Se a roça for mal, o comércio sofre as consequências”.

Conjugamos o verbo “dizer” no pretérito, por que nossa história, apesar de fictícia teria iniciado na década dos anos vinte, se desenrolado nos anos das décadas seguintes, e concluída somente na década dos anos cinquenta do século passado, quando grande maioria da população hoje urbana, à época era rural. E as centenas de pequenas propriedades

rurais existentes à época, não existem mais, foram se anexando através dos anos, e hoje são propriedades maiores em tamanho, e menores em quantidade. Com a diversificação e mecanização das lavouras, a população transferiu-se para outras regiões, onde estavam iniciando seus processos de colonização, ou foram tentar a vida nas grandes cidades.

Se somássemos as duas populações, do vilarejo e da zona rural, teríamos à época milhares de pessoas, em um contingente dessa magnitude de viventes, embora cada uma dessas pessoas, tivessem suas próprias histórias de vida, seria impossível revelar particularidades da vida de todos. Por essa razão vamos pôr hora, nos concentrarmos na família Garcia Cardoso, composta por três gerações, por sinal muito numerosa. O patriarca Pedro Garcia, a matriarca Ana Cardoso Garcia. Quando chegaram à região a mais de trinta anos, na década dos anos vinte, não existia muita coisa, apenas algumas estradas que cortavam as matas. O casal trouxe com eles, os filhos: Domingos, Olavo, Luiza e Zenilda. Depois nasceriam Nelson, Basílio e Izabel. Totalizando sete filhos, esses foram os que vingaram, mesmo

assim no futuro, a qual reportaremos, a família Garcia Cardoso, seria bem numerosa. Faz-se oportuno revelar, que Pedro Garcia descendia de imigrantes espanhóis e Ana Cardoso de portugueses. Quando em verdade agora, todos eram brasileiros.

O início tudo foi muito difícil, fácil era escolher uma área de terras, e apropriar-se legal ou ilegalmente dela. Porque as terras ainda não demarcadas, pertenciam ao Estado, e se encontravam desprotegidas. Sr. Pedro Garcia vinha caminhando com a esposa e os filhos, por uma estrada de terra, ladeada de matas espessas, que penetrava sertão a dentro, na direção Oeste, até aos confins do Estado, onde o processo de colonização havia chegado, porque o limite do Estado era a barranca do Rio Grande, divisa com o Estado de Minas Gerais. Cansados ao peso da carga que cada um levava, sobre os ombros, que era praticamente tudo que possuíam. Avistaram uma clareira às margens de um riacho, deliberou que a esposa ficasse ali com os filhos, sob a sombra de uma árvore, enquanto ele entraria na mata fechada, para encontrar um lugar onde poderia morar com sua família. Cansados como estavam Dona Ana e as crianças, ela não

o questionou. Munido com uma cabaça com água, e sua foice afiada, adentrou a mata fechada, procurando um lugar bem isolado, que possuísse as condições que lhe agradava. Depois de muito caminhar dentro da mata, encontrou uma região plana, de mata fechada, pelas características das espécies de árvores nativas lá existentes, deduziu que as terras deveriam ser de boa qualidade, muito férteis, em um declive do terreno, encontrou um lugar húmido, se cavasse alguns palmos, a água com certeza brotaria.

Deliberou que aquele seria o paraíso ideal para ocupar, e fazer dele sua propriedade, onde estabeleceriam, com ajuda da esposa, haveriam de criar os filhos. Voltou seguindo as marcas que fizera na vegetação rasteira, demarcando o caminho da volta. Quando encontrou o local onde havia deixado a família, o sol havia declinado em direção ao horizonte do lado oeste. Decidiu que pousariam ali, e na manhã seguinte, voltaria com a família ao local escolhido, que não saberia precisar a que distância se encontrava daquele ponto, mas estava bem no interior da mata, e levariam todos os seus apetrechos, por uma trilha precária que demarcara.

Enquanto o marido e os filhos, foram banhar no riacho, Dona Ana preparou o jantar frugal, em um fogareiro improvisado sobre pedras, à beira do riacho, antes do anoitecer todos jantaram, depois foram dormir ansiosos e fascinados, para no dia seguinte conhecerem o local, que Sr. Pedro descrevera, como o paraíso que procurava.

E dessa maneira começava, a saga da família de Sr. Pedro Garcia. O filho mais velho Domingos, tinha apenas dez anos, Olavo com oito anos, Luzia seis anos e Zenilda quatro anos. A primeira providência de Sr. Pedro, ao chegar ao lugar escolhido, foi fazer uma clareira, roçando com a foice a vegetação rasteira, derrubando as árvores com o machado, e efetuando a limpeza do terreno, com ajuda da esposa e das crianças, depois, conseguir a água. A construção do barraco, ficaria para o dia seguinte, todo material usado seria retirado da própria mata.

Nos dias atuais, seria difícil imaginar que uma família sobreviveria nessas condições, mas o ser humano possui incrível resiliência, que constitui sua capacidade de resistir e se adaptar. As necessidades básicas se resumiam, em poucos itens de consumo,

quase todos retirados da flora e da fauna silvestre, à exemplo dos indígenas, que conseguem sobreviver isolados. Nesse recuado tempo, a caça e a pesca eram permitidas sem nenhuma restrição, em curto espaço de tempo, Sr. Pedro e os filhos, desenvolveram habilidades próprias, que os tornariam exímios caçadores e pescadores, sem prejuízo de suas ocupações de lavradores. Assim que se estabeleceram, derrubaram uma pequena parte da mata, onde fizeram uma roça. Sr. Pedro foi até ao povoado, em um estabelecimento comercial onde se vendia produtos para lavouras, não foi difícil conseguir pequenas quantidades de sementes, ali plantaram mandioca, arroz, feijão, milho, melancia, abóbora entre outros. Em um sítio não muito distante, onde havia um cafezal já em fase produtiva, conseguiu alguns litros de café em estado cereja, para plantar seu pequeno cafezal.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 09/06/2026.



A FÉ NO FUTURO

Na mesma proporção que Sr. Pedro Garcia, e sua família desbravava a mata do sítio que apossara indebitamente, a colonização avançava sertão a dentro, quando os engenheiros e agrimensores do Estado, efetivavam a demarcação das propriedades naquele local, depararam com a ocupação irregular daquele terreno. Diante das explicações e justificativas do invasor, o caso fora levado ao conhecimento de Departamento Agrário do Estado, que mediante a abundância de terras que possuía, abriu um precedente, e au-

torizou a medição de uma pequena área naquele local, e estipulou o prazo, e a forma de pagamento para regularização da posse. Como o valor das concessões eram perfeitamente acessíveis, com o prazo concedido, por ocasião da prerrogativa, Sr. Pedro Garcia conseguiu com muito custo, honrar os pagamentos em seus vencimentos, e acabou recebendo o título definitivo de propriedade. Como a capacidade aquisitiva de Sr. Pedro era praticamente insignificante, a área de terras concedidas e demarcadas a ele, fora bem limitada, mas suficiente para se plantar vinte mil pés de café. O que garantia com folga no futuro, trabalho e renda para toda família.

A lavoura de café de Sr. Pedro Garcia, ia sendo plantada um pouco a cada ano, à medida que os filhos iam crescendo, outros filhos foram nascendo. Com a chegada de moradores para ocuparem suas propriedades, a população do lugar foi aumentando, e as dificuldades dos primeiros tempos diminuindo, e a situação financeiro de Sr. Pedro e sua família melhorando. Como dissemos, a diferença de idade entre os quatro primeiros filhos do casal, eram de dois anos. Depois de um intervalo

de cinco anos, nasceria o sexto filho do casal, que se chamaria Nelson. Faz-se oportuno esclarecer, que nesse intervalo de cinco anos, Dona Ana tivera seu quinto parto, mas infelizmente o filho nasceu sem vida, cuja as razões ignoramos. Passados dois anos para encerrar a produção, Dona Ana em seu sétimo parto, deu à luz a um casal que receberam os nomes Basílio e Izabel, totalizando assim sete filhos, sendo quatro homens e três mulheres.

Haviam passados cinco anos que estavam morando ali, o velho barraco deu lugar, a uma espaçosa casa de pau-a-pique, com quartos, para o casal, para os meninos, e para as meninas, enquanto no barraco anterior, existia somente um quarto, onde todos dormiam. Domingos agora um rapazinho com quinze anos, mas um homem, assim como o pai no trabalho, Olavo e as duas meninas também contribuía, todos os dias, com o máximo que podiam oferecer, de forma que Sr. Pedro estava muito bem servido, a mão de obra familiar, para os trabalhos nas lavouras, era suficiente para manter tudo muito bem conduzido e zelado. E ali se produzia quase tudo que necessitavam, a lavoura de café permite consorciar entre as

linhas, outras culturas, como feijão, milho, arroz. Em verdade, os tempos difíceis, haviam ficado no passado. O pequeno cafezal plantado quando ali chegaram, já havia produzido duas pequenas colheitas, e as novas áreas plantadas acenavam, com possibilidade de grandes colheitas para os próximos anos.

Como na localidade agora moravam muitas pessoas, em épocas e datas específicas, aconteciam em lugares apropriados, festas ou bailes, onde a maioria da população comparecia. Ou quando ocorria algum casamento, costumavam depois da festa, encerrar com um baile na roça, que entrava noite à dentro, para entreterem aos convidados. A vida monótona e solitária dos primeiros tempos, não mais existia. Talvez Sr. Pedro em sua simplicidade, possuía intuição, ou visão futurista, que em um tempo não muito distante, muitas pessoas como ele, viriam ocupar aquela localidade, e transformariam toda aquela mata, em roças, lavouras de café e pastagens.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 10/06/2026.

CEM ANOS ATRÁS

Dizer que aquela gente tinha uma vida boa, não ousaríamos dizer, porque não correspondia a verdade, mas era o máximo que conseguiam, a vida da maioria daquelas pessoas, se resumia em trabalhar, sobreviver com o produto de seu trabalho, manter um bom relacionamento com os vizinhos, cada um cuidando de sua vida, cumprindo e respeitando seus direitos e obrigações, colaborando mutuamente e reciprocamente, uns com os outros, conforme suas possibilidades, por que todos tinham seus problemas, e conviviam com suas próprias di-

ficuldades. No caso de uma necessidade maior e extemporânea, ou um problema imprevisto, naqueles tempos, só podiam contar com o socorro de um vizinho prestativo, um amigo ou um parente. Não obstante todos serem pessoas pobres, simples e humildes, estavam sempre solidários ajudar aquele que estava necessitando. O poder público nessa época já existia, mas participava muito discretamente da vida das pessoas. Mas era uma gente alegre de bem com a vida, estavam acostumados às dificuldades, e eram felizes, levando aquele modo de vida.

À medida que o tempo passava, as famílias iam se estruturando, procurando ter mais conforto, e viver melhor. A família de Sr. Pedro Garcia, era muito querida por todos moradores da localidade, os quatro filhos mais velhos agora, dois rapazes e duas mocinhas, muito educados e trabalhadores, eram o orgulho dos pais. Domingos com dezoito anos, começou namorar Celina, filha de uma família que descendia de imigrantes italianos, que morava na localidade. Celina tinha apenas quinze anos, e juntamente com os irmãos, uns mais novos outros mais velhos, ajudavam o pai nos trabalhos

da roça e no cafezal, existente no pequeno sítio que possuíam. Assim como as filhas de Sr. Pedro, Luiza e Zenilda, sempre ajudaram o pai e aos irmãos no trabalho da lavoura, desde quando ainda pequenas.

O namoro entre filhos de vizinhos era comum acontecer. E os rapazes e as moças começavam namorar muito jovens, assim como aconteceu com Domingos e Celina, e os namoros costumavam serem breves, quase sempre terminavam em casamento, era normal o rapaz depois do casamento, continuar morando e trabalhando com o pai, muitas vezes, na mesma casa junto à família, até quando conseguisse um trabalho de colono, em uma outra propriedade, ou um emprego assalariado, só então o casal deixava a casa paterna.

Assim que Domingos começou namorar Celina, que era uma boa menina, e procedia da família Zenardele, muito bem considerada, Sr. Pedro prevendo, e desejando que se casassem em um futuro próximo, mas continuassem morando em seu sítio, pelo fato de sua presença ser necessária, devido à quantidade de pés de café, ali plantados, exigir muito trabalho. Começaram construir uma casa para o filho. Uma casa

simples, assim como a que moravam, de pau-a-pique, menor em tamanho, para que morassem sozinhos, para que tivessem total privacidade.

Como fizemos referência ao início de nosso relato, o sítio de Sr. Pedro não era grande, como ele havia previsto, a área seria suficiente para se plantar vinte mil pés de café. Como a cada ano, aumentavam a área plantada, depois de oito anos, seu sítio agora era um grande cafezal, em variados estágios de desenvolvimentos, que oferecia trabalho e renda, para que todos continuassem morando e trabalhando ali.

Um fato lamentável que achamos importante mencionar, presente naquelas, e em quase todas as comunidades rurais, à época, principalmente para as crianças, era a ausência de escolas rurais, como a maioria dos pais eram analfabetos, e os filhos a partir dos oito anos de idade, começavam ajudar nos trabalhos da lavoura, para conseguirem sobreviver, não davam a devida importância a essa necessidade. O Estado por sua vez, por negligência ou indiferença, se mantinha ausente e alheio à essa questão. E a população rural, em sua maioria continuaria analfabeta, por algumas décadas ainda.

Não que o fato de ser analfabeto torna a pessoa incapaz ou menos digna, o que estamos tentando dizer, que o Estado à época, não tinha essa preocupação, com a população rural, não oferecia orientação escolar. Entendemos que a condição de analfabeto, de certa forma cerceia a pessoa a maiores aspirações, um obstáculo que o acompanha por toda a vida. Que dificulta a compreensão de um mundo em contínuo processo evolutivo, exige que possuímos esse recurso. Logo, se todos temos nossas obrigações de cidadãos perante às normas do Estado, e as regras da sociedade, o Estado tem a obrigação de proporcionar a todo cidadão, essa condição elementar.

Certa feita, escrevi em um de meus relatos, sobre esse delicado assunto, mais ou menos nestes termos: “Analfabeto, essa palavra não é um pejorativo, é a vergonha de gerações que tiveram seus direitos usurpados ao longo da vida, que não conheceram seus direitos, somente obrigações e deveres”. Compete-me esclarecer: Os índices de analfabetismo no Brasil, sempre foram elevados, até os dias atuais, ainda estão na casa dos dois dí-

gitos, sem perspectiva de serem reduzidos, mesmo entre as faixas mais jovens. Atribuo esse estado de coisa, como falta de comprometimento de governantes inábeis e descompromissados, que não se preocupam com o desenvolvimento humano da população de seu país.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 11/06/2026.

O CASAMENTO DE DOMINGOS E CELINA

Não obstante todos os integrantes da família de Sr. Pedro Garcia, não saberem ler nem escrever, assim como a maioria dos moradores daquela comunidade rural, eram pessoas do bem, tementes a Deus, muito trabalhadores e honestos, mantinham entre eles, muito bom relacionamento. Dois anos depois que Domingos e Celina começaram namorar, a casa construída para eles, a algum tempo, havia sido terminada, e montada com os móveis básicos necessários, esperando apenas que eles se casassem, e viessem ocupa-la. Do-

mingos com vinte anos, Celina com dezessete, com anuência dos pais, decidiram que assim que terminassem a colheita do café, prevista para os meados do mês de junho, realizariam uma cerimônia simples e se casariam.

Apesar do casamento civil ser obrigatório no Brasil, desde os tempos da Proclamação da República, para os pais de Domingos e Celina, devido as dificuldades, consideraram que o casamento religioso era mais importante, o juramento que fariam a Deus, diante do pároco e dos convidados, era a garantia que continuariam juntos para sempre, até que as mortes os separassem, e isso bastava. Em uma tarde muito fria de sábado, no início do mês de julho, Domingos e Celina acompanhados dos pais, e alguns convidados, foram até a capela do povoado, onde foi realizado o casamento religioso, depois se dirigiram até o sítio do Sr. Crispin Zenardele, pai da noiva, que ficava a alguns quilômetros de distância, onde seria servido um jantar de confraternização, para os poucos convidados. Como decidiram que não haveria baile, assim que terminou o jantar, ao final da tarde, os convidados foram dispersando,

incomodados com frio intenso que fazia, que prometia uma noite gelada. Em seguida Sr. Pedro e família também foram para casa, que não ficava muito distante. Ficando apenas os recém casados, que ao escurecer, se despediram e saíram abraçados, em direção ao sítio do pai, enfrentando o vento cortante e gelado que soprava do lado Sul, foram direto para a casa nova, onde uma cama quente, previamente arrumada com capricho, os esperavam.

Sr. Pedro estava certo sobre Celina, na primeira terça-feira após o casamento, levantou cedo junto com o marido, depois de ter coado e tomado o café da manhã, entrou em seu quarto, vestiu roupa de trabalho, o marido perguntou: — Onde está pensando ir assim tão cedo?

— Vou com você ao trabalho.

Domingos tentou argumentar, dizendo que não era necessário, que os trabalhos estavam sob controle, mas não a convenceu, fecharam a porta e saíram em direção à casa do pai. Sr. Pedro ao ver a nora chegando com o marido, em trajes de trabalho, ficou admirado, perguntou ao filho onde Celina ia vestida daquela maneira, disse ao

pai: — Celina cismou, que quer ir trabalhar com a gente no cafezal.

Sr. Pedro chegou até a nora e disse: — Celina, aqui no sítio, não é necessário que você nos ajude na roça, nós sempre cuidamos sozinhos da lavoura, caso queira ajudar, fique aqui em casa ajudando Dona Ana, preparar o almoço.

Celina ficou pensativa depois disse: — Sabe o que é Sr. Pedro, sempre preferi o trabalho da roça, do que trabalho de casa, poderia pedir a Luzia, ficaria em casa ajudando Dona Ana, eu faria o trabalho dela na roça.

Dona Ana ouviu a conversa, e disse: — Podem ir, o trabalho aqui de casa, estou acostumada fazer com ajuda de Izabel, logo mais Nelson e Basílio estarão lá com o almoço.

Dessa forma, com o casamento do filho, Sr. Pedro ganhou mais uma ajudante para cuidar da lavoura de café. Para quem não sabe, a cultura do café exige cuidados o tempo todo, depois da colheita, costuma-se esparramar a palha que fora amontoada, em seguida retirar o excesso de brotos novos das árvores, e os galhos que secaram.

Faziam dez anos que Sr. Pedro Garcia, havia chegado com a família àquela região, com o loteamento rural, as famílias foram ocupando seus terrenos, nesse curto período de tempo, o local tornou-se povoado e produtivo, com destaque para o café, que era exportado para grande parte dos países do mundo. No final da década dos anos trinta, começaram surgir rumores de guerra, em território europeu, queda nas bolsas de valores, as exportações de café brasileiro sofreriam drástica paralisação, consequentemente seu preço e comércio interno, gerando uma crise sem precedentes ao setor. Obrigando o governo do Brasil, adquirir o café produzido, a preços inferiores, para ser incinerado. Ao tempo que soldados brasileiros, eram embarcados àquele continente, para se juntar às forças aliadas, contra o regime nazista.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 14/06/2026.



CONFLITO FAMILIAR

Os primeiros anos da década dos anos quarenta, iniciavam em clima de instabilidade, política e social, com a evolução e a expansão da guerra, que adquiria dimensão mundial, uma vez que todos os países estavam sendo afetados direta ou indiretamente. O Brasil por estar localizado geograficamente distante do conflito, a precariedade dos meios de comunicação à época, o trabalhador rural brasileiro desinformado, não compreendia o que de fato estava acontecendo, a escassez de produtos nas prateleiras dos empórios, a

racionalização de alguns produtos, as altas dos preços, consequências financeiras provocadas em suas atividades, refletiam que algo muito sério estava acontecendo, e imputavam à população geral, um clima de dificuldades e inseguranças.

Sr. Pedro Garcia ouvia através de vizinhos e amigos, notícias desencontradas sobre batalhas, mortes, holocaustos, invasões de países, entre outros. Na comunidade à época, existia apenas um aparelho de rádio, pertencia a um sitiante mais abastado chamado Sr. Eugênio Morais, que havia adquirido de um importador, por um valor considerável. Era um aparelho de rádio de válvulas, segunda geração, muito luxuoso em móvel de madeira nobre trabalhada, abastecido por duas enormes baterias pesadas, cujo os sinais eram gerados por algumas poucas emissoras, existentes nos Estados, Rio de Janeiro, São Paulo, Pernambuco, Pelotas no Rio Grande do Sul. Captados por uma antena receptora bem alta e potente. O móvel imponente acoplado com o aparelho receptor, denominado rádio, ficava exposto na enorme sala de visitas de sua casa, onde recebia aos amigos às noites, quando não haviam si-

nais de chuvas e relâmpagos, para ouvir o noticiário, sobre os acontecimentos internos e externos, as notícias chegavam truncadas, quase incompreensíveis entre ruídos. Depois essas notícias eram repassadas, com algumas alterações, inverdades e exageros aos demais moradores.

Um fato que estava acontecendo dentro da casa de Sr. Pedro, que ainda não era de seu conhecimento, as filhas Luzia e Zenilda, que tinham à época dezesseis e quatorze anos respectivamente, costumavam chegar da lavoura à tarde, tomavam banho, jantavam e iam juntas à casa de um vizinho, que se chamava Sr. Constante e tinha filhos e filhas adolescentes, assim como elas, duas ou três vezes na semana, e também nos finais de semana. Até aí tudo normal, por que os filhos do vizinho, com menos frequência, também as visitavam em casa.

Até o dia que Sr. Constante encontrou Sr. Pedro, ao acaso e fez um comentário, que o preocupou, disse o vizinho: — Sr. Pedro, acredito que o Senhor não está sabendo, também tenho filhos e filhas jovens, se algum deles estivessem fazendo algo que não soubesse, ficaria grato se me avisassem. Sua filha Luzia tem

ido em minha casa na companhia da irmã, a algum tempo visitar minhas filhas, mas ultimamente tem ficado o tempo todo, conversando com meu peão de trabalho conhecido como Ota, sentados em um banco do lado de fora da casa, se não estou enganado os dois estão de namoro, não sei o que o Senhor pensa a esse respeito, mas em seu lugar não permitiria, o Senhor conhece esse rapaz, e deve entender os motivos, por que estou lhe avisando.

— Não é possível que isso esteja acontecendo, não estou sabendo nada sobre esse assunto, pelo que sei, ninguém o conhece direito, ele apareceu aqui, vindo não se sabe de onde, começou trabalhar para o Senhor, já o vi algumas vezes, tem quase o dobro da idade de Luzia. Eu agradeço ao amigo pela informação, isso não pode continuar, vou tomar as providências.

— O amigo me desculpe, mas era minha obrigação avisar-lo.

— Eu lhe agradeço por isso.

Sr. Pedro ficou desorientado com a notícia, Luzia uma menina tão ingênua, comportada e obediente, que desde pequena os ajudavam nos tra-

balhos na lavoura, interessar-se por um peão rude do trecho, que deveria ter quase trinta anos, que ninguém o conhecia direito, como isso pode acontecer. Ainda mais às escondidas, isso preocuparia qualquer pai de família. Sr. Pedro não era um pai violento, pelo contrário, muito amigo e carinhoso com todos os filhos. Deliberou que por ora, não diria nada a ninguém, primeiro comprovaria pessoalmente se a informação era verdadeira, enquanto isso pensaria o que fazer, caso fosse verdade.

Na primeira oportunidade, quando percebeu que elas saíam, se preparou para segui-las, assim que as duas foram para a casa de Sr. Constante, passou sonda-las a distância sem que percebessem, antes de chegarem à casa, Ota, que em verdade chamava-se Otacilio, as esperavam, e seguiram juntos conversando até à casa de Sr. Constante. Zenilda entrou, os dois sentaram em um banco de madeira, encostado na parede à frente da casa. Sr. Pedro que sempre foi um homem sensato, inimigo de brigas e violências, assistiu a tudo indignado, pensou fazer uma besteira, pensou melhor, desistiu, quase chorando voltou para casa.

Chamou a esposa Dona Ana até o quarto, em poucas palavras revelou o que estava acontecendo, a esposa recusava acreditar, que a filha fosse capaz fazer, o que acabara de ouvir, o marido disse a ela que precisou ver para acreditar, mas era o que estava acontecendo.

O pior que Sr. Pedro não viu tudo, quando elas retornavam mais tarde, Otacilio as acompanhavam até próximo à casa. Apesar de muito amigas, Luzia ameaçava Zenilda, para que nada dissesse aos pais, como gostava da irmã obedecia, mas sabia que os pais não concordariam.

Assim que chegaram do passeio, Dona Ana chamou Zenilda até seu quarto, na presença do pai ela que não sabia mentir, confirmou que Luzia estava namorando Otacilio, e que dizia gostar dele. Que não tinha contado a eles, com medo do que poderia acontecer a irmã. Zenilda foi dispensada, a mãe pediu a ela que dissesse a Luzia para vir até seu quarto. Sem dizer as razões, deu o recado a irmã, Luzia imediatamente veio até eles. A mãe perguntou:

— Explique como é essa história Luzia, você está de namoro com o tal de Otacilio?

Luzia olhou para o pai, depois para mãe, abaixou a cabeça, e conseguiu perguntar: — Não posso namorar a pessoa que eu gosto?

Sr. Pedro gaguejando disse a filha: — Está dizendo que gosta de uma pessoa que nem o conhece direito, que tem o dobro de sua idade, e pode ter deixado esposa e filhos em algum lugar qualquer?

— Otacilio me disse que não é casado, que também gosta de mim, o resto não importa.

Dona Ana, suplicou dizendo: — Pelo amor de Deus Luzia, não faça isso com seu pai e com sua mãe. Você só tem dezesseis anos, não faça isso com sua vida. Ninguém sabe quem é esse homem, de onde veio, pra onde ele vai. Você tem uma família, que te ama, e só quer o seu bem. Se gostasse de você como está falando, por que não veio falar com a gente até hoje?

— Eu disse a ele, que não iriam aceitar nosso namoro, por ele ser pobre.

Sr. Pedro disse: — Não é pelo fato dele ser pobre, mas por que não o conhecemos, por ser um homem adulto, enquanto você é ainda uma menina.

Dona Ana começou chorar, Sr. Pedro debruçou sobre a cama, Luzia saiu do quarto deles, e foi para

seu quarto. Chegando, perguntou a irmã: — Foi você que contou a eles?

— Não, não fui eu, nem me disseram como descobriram.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 15/06/2026.

ENCENCA À VISTA

Como dissera Sr. Pedro, ninguém conhecia os antecedentes de Otacilio, seu sotaque nordestino, fazia crer de onde procedia, mas sobre sua vida particular, ninguém tinha informações concretas. Em verdade analisando sua pessoa, não dava para entender, como uma mocinha bonita e delicada como Luzia, fosse se interessar por um homem rude e grosseiro, como era ele. São coisas que acontecem, mas não é dado ao homem capacidade para aceitar e compreender. E da maneira como Luzia se manifestou, deixava bem claro que estava gostando dele de verdade. Uma situação que ela criara, para tirar sem dúvida, o sossego de seus pais.

Como medida preventiva Sr. Pedro com a anuência da esposa, decidiram que Luzia não sairia mais de casa durante à noite, como antes, achando que assim resolveriam o problema. Desde então, Luzia que era uma menina alegre e sorridente, se fechou e entristeceu visivelmente, não conversava com ninguém, e quando estava sozinha chorava sentidamente. Todos da casa perceberam, e se comoveram por ela, Dona Ana comentava, tentando mudar o clima: “Isso logo passa, melhor sofrer agora, que a vida toda”. E assim passara uma semana. Como não mais apareceram, Otacilio percebeu que alguma coisa havia mudado, pediu a um dos filhos de Sr. Constante, que se chamava Gerson, fosse até a casa de Sr. Pedro, e dissesse a Luzia que ele estava lhe esperando, o menino conseguiu aproximar-se de Luzia, sem que percebessem e deu o recado, ela pediu que dissesse a ele, que os pais haviam descoberto, e a proibiram que voltasse a casa de Sr. Constante.

Ao receber o recado Otacilio ficou contrariado, no domingo pela manhã, resolveu ir pessoalmente à casa de Sr. Pedro ver Luzia e se explicar ao seu pai. Quando chegou à casa, foi recebido por Domingos, o filho mais velho, que depois de ouvi-lo, disse:

— Otacilio meu pai não deseja vê-lo, nem ouvir o que tem a dizer, meus pais não aprovam que Luzia namore, nem você, nem ninguém, ela é ainda muito nova, por isso a proibiram de sair de casa. Pediria a você que respeitasse a decisão de meu pai, não mais retornasse, esquecesse Luzia e deixasse a gente em paz.

— Acontece que eu não aceito as pessoas dizerem, o que devo ou não fazer, gostaria de ouvir Luzia, se ela disser que não me quer mais, então a deixarei em paz.

— Então espere, vou dizer ao meu pai, se ele concordar, ela vem falar com você.

Não demorou muito tempo Domingos retornou, e foi dizendo: — Apesar de meu pai ter autorizado. Ela disse que não deseja mais vê-lo, nem falar com você, pediu para que a esqueça, e que não mais a procure.

— Por que ela não veio aqui me dizer pessoalmente, como posso acreditar que ela disse essas coisas?

— Acredite se quiser, mas foi o que ela disse. Agora pode ir, antes que meu pai venha até aqui, lhe dizer o que pensa sobre esse assunto, entenda

que Luzia é ainda uma menina, se quer uma namorada, procure alguém mais velha e experiente.

— Isso é problema meu, como disse, não gosto de conselhos, nem que me digam o que fazer de minha vida. Se comecei namorar sua irmã, foi com o consentimento dela. Estou indo, mas eu volto para ouvir da boca de Luzia que não me quer mais.

Assim que Otacilio se foi, a família se reuniu na cozinha, sem a presença de Luzia, Domingos disse a todos, o que tinha ouvido, e de certa forma preocupava, uma pessoa como Otacilio não tinha muito a perder, ninguém imaginava o que estaria passando em sua cabeça, do que seria capaz fazer, se estivesse apaixonado por Luzia, e tudo fazia crer que estava, ou não teria vindo até ali, sabendo que não seria bem recebido.

Passados quinze dias, Sr. Pedro reencontra o vizinho Sr. Constante, que lhe dá uma boa notícia, depois de conversarem um pouco, disse: — Não sei o que aconteceu, ontem Otacilio pediu as contas e desapareceu, bem agora que eu precisava dele, para realizar um trabalho mais pesado.

— E o amigo saberia dizer, para onde ele teria ido?

— Não sei, só disse que queria receber o que tinha em haver, que gostaria ir embora. Devido ao seu atrevimento com sua filha, não fiz questão, achei melhor ter ido, também tenho filhas.

— O amigo não imagina minha satisfação, saber que esse rapaz foi embora, para dizer a verdade, sua presença aqui me preocupava, não entendo como uma menina como minha filha Luzia, pode dar confiança a um sujeito como aquele, mas isso passou, ela acabou enxergando o erro que estava cometendo.

Sr. Pedro chegou à casa, resolveu não comentar a ninguém, o que acabara de saber, preferiu dar um tempo, por perceber que a filha tinha voltado sorrir, certamente já tinha superado o infeliz episódio, seria melhor que ela ficasse sabendo naturalmente, através de outras pessoas.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 17/06/2026.



FUGA PLANEJADA

Como dissemos ao princípio, a casa de Sr. Pedro era simples, mas bastante espaçosa, construiu três quartos bem grandes, um para ele e a esposa, outro para os filhos, e outro para as filhas. No dia seguinte pela manhã, Zenilda chegou à cozinha para tomar café, não viu a irmã, perguntou a mãe onde estava Luzia, Dona Ana respondeu: — Ainda está deitada, vá chama-la para tomar o café.

Zenilda não disse nada, voltou ao quarto. Sr. Pedro ouviu a filha, lembrou da conversa com o

vizinho, sentiu um frio percorrer todo seu corpo, pressentido algo anormal. Zenilda retornou e disse: — Luzia já levantou, não está mais em sua cama.

Dona Ana foi até o quarto, abriu a janela, o quarto foi clareado pela luz do sol, abriu o pequeno guarda roupa, percebeu que as roupas de Luzia, não estavam penduradas nos cabides, incontinenti voltou a cozinha e disse: — Pedro, Luzia fugiu, e levou suas roupas.

Sr. Pedro disse: — O desgraçado do Otacilio levou nossa filha. Ontem Sr. Constante me avisou, que ele pediu as contas, e tinha ido embora no dia anterior.

Pegou uma faca de cozinha, e saiu imediatamente, observando se via algum rastro no caminho, viu apenas pegadas de dois cavalos, então resolveu ir até a casa de Sr. Constante, que ao saber do acontecido, disse apenas: — No dia que paguei o que devia a ele, ao mesmo instante, pegou suas coisas, se despediu e foi embora, e não o vimos mais.

Assim que Domingos e Celina chegaram à casa do pai, encontraram Dona Ana chorando, mal ouviu o que tinha acontecido saiu a procura do pai, o

encontrou quando já estava retornando, Domingos percebeu pelos seus olhos, que havia chorado, então tentou consola-lo dizendo: — Não fique assim meu pai, fizemos o possível, ela não quis nos ouvir, agora vai sofrer as consequências, por ter fugido com aquele homem.

— Estou me sentindo culpado, Sr. Constante me disse ontem, que ele havia pedido as contas, no dia anterior e ido embora. Eu percebi que Luzia estava diferente, deveria ter desconfiado e a vigiado, certamente já haviam planejados a fuga.

Domingos ficou pensando, depois perguntou: — E agora meu pai, o que vamos fazer?

— Para dizer a verdade, eu não sei, a essas horas devem estar bem longe daqui. Acho que não mais verei minha filha.

— Vamos voltar para casa, mamãe estava chorando desesperada. Vou pegar nosso cavalo e sair procurando por eles, se foram caminhando não devem estar muito longe.

Quando chegaram a cem metros da casa, Sr. Pedro disse ao filho: — Observe essas pegadas, até aqui essa noite, vieram dois cavalos, depois volta-

ram, se fugiram montados, ninguém os alcançarão mais.

Domingos entendeu que o pai tinha razão, e os dois retornaram para casa, todos estavam desorientados, sem saber o que pensar e dizer. Em verdade, Luzia conhecera Otacilio a menos de dois meses, e começaram conversar esporadicamente a poucas semanas, significava que muito pouco se conheciam. O dinheiro que Otacilio tinha em haver com Sr. Constante, era insignificante, impossível imaginar como sobreviveriam juntos por alguns dias. Se Luzia havia cometido um ato insano, Otacilio sendo um homem de trinta anos, diria que havia cometido um ilícito grave, aliciar e subtrair da casa paterna, uma menor de dezesseis anos. Isso significa que ambos foram inconsequentes e irresponsáveis, e só Deus saberia como seria a vida deles agora.

Faz-se oportuno esclarecer, como tudo aconteceu. No dia que Otacilio esteve na casa de Sr. Pedro para ver e falar com Luzia, disse a Domingos caso Luzia viesse até ele, e dissesse que não o queria mais, então a deixaria em paz. Sr. Pedro disse a filha que fosse até ele, e dissesse exatamente o que ele falou,

mas Luzia se recusou ir. Então Sr. Pedro pediu ao filho que falasse por ela, Domingos fez o que o pai pediu que fizesse.

Passados alguns dias, Luzia saiu escondido e foi até onde Otacilio trabalhava sozinho, disse que não fora ela, e sim seu pai quem pediu que dissesse, que ela não queria mais vê-lo, que não a procurasse mais. Otacilio disse a ela: — Você aceitaria, ir embora comigo desse lugar?

Luzia respondeu: — Vou com você, para o lugar que quiser, quando quiser.

— Então vou pedir as contas para o Sr. Constante amanhã, na noite seguinte vou te esperar, próximo a sua casa.

— Pode me esperar, assim que todos dormirem, saio sem que percebam, e vou te encontrar.

No dia seguinte ao acerto que fizera com Sr. Constante, foi até uma propriedade próxima, onde sabia que existiam cavalos, percebeu que não havia ninguém em casa, fechou em um pequeno cercado de tábuas, todos cavalos que haviam em um piquete, encilhou os dois melhores, com selas que lá encontrou, montou em um dos cavalos, puxando o

outro por uma corda, entrou em uma capoeira com os animais, onde ficou escondido. Quando anoiteceu foi com os cavalos até próximo à casa de Sr. Pedro, logo apareceu Luzia trazendo a bolsa de roupas nas mãos, montaram e pegaram a estrada, em direção ao vilarejo, cavalgaram a noite toda, quando o dia começou clarear estavam distantes em um lugar completamente desconhecido. Pararam em um riacho, escondido em uma mata, deram água aos animais, depois desmontaram para descansar.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 17/06/2026.

EMANCIPAÇÃO DE DOMINGOS

Para Sr. Pedro e o filho Domingos, estava bem claro, haviam fugidos montados em cavalos, Domingos encilhou o cavalo do pai, foi até essa propriedade onde existiam alguns cavalos. Foi recebido pelo dono do sítio, que se chamava Sr. Nestor, cumprimentou-o, depois perguntou:

— Acaso o Senhor teria vendido, dois de seus cavalos no dia de ontem?

— Não, ontem fui com minha esposa, com a charrete até ao vilarejo, chegamos ao anoitecer. Porque estaria me perguntando, se vendi dois cavalos?

— Porque estou achando, que dois de seus dos cavalos, foram roubados.

Imediatamente Sr. Nestor foi até o piquete que ficava do lado de baixo da casa, ao longe contou os cavalos, e disse: — Realmente estão faltando dois de meus animais.

Então Domingos explicou a ele o que havia acontecido. Inclusive denunciando, que fora Otacilio que roubara seus dois cavalos, para fugir à noite que se passou, com sua irmã Luzia. Sr. Nestor não querendo acreditar, acompanhado por Domingos, foram até ao pequeno depósito onde guardava suas tralhas, e comprovou que estavam faltando as duas selas que possuía.

Como dissemos, aquela comunidade pacata, de gente simples e honesta, não estava acostumada com esse tipo de ousadia. Se Sr. Nestor ficara abalado com o roubo de seus cavalos e suas selas, imaginam como ficara Sr. Pedro, que em sua maneira de ver e sentir, tivera sua filha também roubada?

Depois da primeira noite de cavalgada, Otacilio sentiu-se em segurança, ninguém os encontrariam ali, passaram cavalgar mais lentamente, de tempos

em tempos paravam para que os cavalos descansassem e alimentassem. Eles aproveitavam essas paradas para também se alimentar, e namorar. No terceiro dia chegaram a uma cidadezinha, onde havia estrada de ferro, pararam próximos a uma pequena praça e desmontaram, Luzia ficou ao lado dos cavalos, Otacilio foi até uma padaria próxima, para comprar pães e salames. Um Senhor que parecia ser sitiante, aproximou-se de Luzia e perguntou: — Acaso vocês não me venderiam, um de vossos cavalos?

Luzia um pouco assustada disse: — Espere meu marido chegar, e pergunte a ele.

Logo Otacilio chegou, o mesmo Senhor se aproximou, e propôs comprar um dos animais encilhados. Otacilio disse a ele, que só venderia se comprasse os dois animais, depois de breve negociação, chegaram a um acordo, o homem lhe passou o dinheiro combinado, em seguida montou um dos cavalos e saiu puxando o outro. Otacilio disse a Luzia: — Agora vamos comer, os pães e os salames que comprei, depois vamos até a estação, esperar pelo trem, assim que ele chegar nos embarcamos para São Paulo, lá ninguém nos encontrará. No começo

da tarde, o trem parou na pequena estação, os dois munidos com seus pertences embarcaram, e seguiram para Capital, a cidade de São Paulo, que à época já era uma grande cidade.

Sr. Pedro e Dona Ana não tiveram outra opção, aceitar ausência da filha. Luzia foi embora e nunca mais mandou notícias, o que teria acontecido, talvez o futuro um dia revelaria, mas a vida teria que seguir o seu curso. Dizer que seria a mesma coisa, estaríamos faltando com a verdade, desde que a filha se foi, Sr. Pedro e Dona Ana, não seriam mais os mesmos, principalmente por desconhecerem o que estaria acontecendo a filha, na opinião deles, era muito jovem, inocente, despreparada para a vida que deliberou levar.

Havia passado alguns meses, que Luzia havia ido embora com Otacilio. Sr. Crispin Zenardele pai de Celina, sogro de Domingos, vendera seu sítio, depois viajara para o Estado de Mato Grosso, passados alguns dias retornou, dizendo que havia comprado uma excelente gleba de terras brutas, vinte vezes maior do que a que possuía, conversando com o genro o convidou, caso quisesse acompanha-

-los, daria uma parte das terras que havia comprado a ele, para que começasse sua vida. No momento Domingos recusou e agradeceu ao convite, alegando que não poderia deixar o pai. Depois em casa conversando com sua esposa Celina, analisaram melhor a proposta de Sr. Crispin, chegaram à conclusão, que trabalhando no que era deles, teriam perspectiva de um futuro melhor, logo chegariam os filhos, pensando a longo prazo, não visualizava um futuro promissor trabalhando ali para o pai, e vivendo sob suas expensas. A única dificuldade que encontrava, era dizer aos pais que iriam mudar. Os dias foram passando, a ideia foi amadurecendo, o dia marcado para mudança se aproximando, e os sogros cobrando para que decidissem.

Um misto de vontade, desejo, curiosidade e ambição, os convenceram que deveriam acompanhar o sogro com sua família. Domingos criou coragem, e disse aos pais que se mudariam, com o sogro e sua família para o norte do Estado de Mato Grosso, que já haviam decidido, que sua presença no sítio do pai, não era tão necessária. Bastava encontrar uma família de meeiros, como a casa em que mora-

va seria desocupada, poderia morar nela, e cuidar de uma parte do cafezal, como colonos.

Demonstrando contrariedade, Sr. Pedro não implorou ao filho que ficasse, disse apenas que pensasse bem, depois que se mudasse não seria fácil retornar. Domingos disse que já havia pensado, e cada vez se convencia, que seria melhor para seu futuro. Em pouco tempo Sr. Crispin desocupou o sítio, e todos se mudaram, as terras que comprou se localizava em uma região muito promissora, mas ainda desabitada, e muito isolada.

Para Sr. Pedro e Dona Ana, foram dois golpes sucessivos, primeiro Luzia que se perdera pelo mundo, acompanhando o traste do Otacilio. Agora o filho mais velho Domingos, que sempre foi o seu braço direito, seduzido pela conversa do sogro, decidiu acompanhá-los, debitando a culpa a nora Celina, que convencera ao marido. Olavo apesar de trabalhador, era relapso e desinteressado, sem iniciativa própria, que necessitava ser cobrado o tempo todo. Zenilda depois que a irmã se foi, parecia ter perdido o entusiasmo, não só pelo trabalho, mas também pela vida, vivia triste mal humorada, insatisfeita.

Sr. Pedro avaliou a situação, em pouco tempo perdera parte expressiva da força de trabalho de sua família. Ele estava cansado, com quase cinquenta anos, já não tinha a disposição e a resistência do início, de quando ali chegaram. A solução seria seguir a sugestão do filho Domingos, arrumar uma família para zelar da metade do cafezal, no sistema de parceria, muito usado à época. As grandes fazendas de café, recorriam aos colonos, um sistema de parceria que atendia às necessidades de ambas as partes.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 21/06/2026.



O TERCEIRO TRANSFUGA

A família de Sr. Pedro e Dona Ana, agora reduzida a cinco filhos morando com eles, perdera a alegria de antes, Olavo com dezenove anos, como dissemos, muito trabalhador, mas precisava ser comandado, Zenilda com quinze anos, depois que a irmã foi embora, vivia desanimada, tanto quando estava trabalhando na lavoura, como quando estava em casa, muito pouco conversava, muito menos ainda sorria. Nelson com dez anos, até então não demonstrara nenhuma inclinação para o trabalho

na lavoura, dizia gostar de cavalos, quando descuidavam dele, ia até o sítio do Sr. Nestor, o criador de cavalos, que teve dois de seus cavalos roubados por Otacilio, Nelson gostava de ajudar cuidar de sua tropa, seu prazer era montar os cavalos, e ficar passeando pelos pastos, dizia que quando crescesse iria ser boiadeiro, para o desgosto do pai. Basílio e Isabel com oito anos, iam todos os dias levar o almoço para o pai e os irmãos trabalhando no cafezal. Dona Ana assim como o marido, também estava cansada, pelos trabalhos intermináveis de dona de casa. Mas o que mais a entristecia agora, a lembrança e a saudade dos dois filhos ausentes. Quando Sr. Pedro se referia a eles, os consideravam ingratos, pôr os terem abandonados.

O tempo foi passando, quis o acaso, que viessem morar no sítio como colonos, Sr. Guilherme com sua esposa Dona Josefina, e os filhos Marcilio, que tinha à época vinte e dois anos, Augusto, com vinte anos, e Solange, com apenas dezesseis anos, todos solteiros. Sr. Guilherme e Dona Josefina, tiveram dez filhos, sete deles já casados, moravam com suas famílias na mesma região,

porém em propriedades diferentes, cada qual cuidando de sua vida e da família que começavam formar.

Faz-se oportuno relatar um fato, que viria transformar ainda mais, o ambiente doméstico da família de Sr. Pedro e Dona Ana, que não havia superado e acostumado com as ausências dos filhos que se foram. Olavo que até então não havia interessado por ninguém, se apaixonou perdidamente por Solange, no momento que a viu pela primeira vez, então começava seu triste drama.

Como dissemos, Solange a filha caçula de Sr. Guilherme e Dona Josefina, com apenas dezesseis anos, apesar de ajudar o pai e os irmãos na lavoura, todos os dias, era uma mocinha muito bonita, namorava um rapaz da localidade onde moravam, a mais de um ano. O rapaz de boa família, que se chamava Dionísio, quando soube que Sr. Guilherme iria mudar com a família, veio até sua casa acompanhado de seus pais, para marcar o casamento antes da mudança. Sr. Guilherme e a esposa, acharam precipitada a decisão, alegando como razão principal, por ambos serem muito

jovens, considerando que Dionísio tinha apenas dezoito anos, e outras razões elencadas, com a finalidade de postergar a união dos dois.

Quando Olavo ficou sabendo que Solange era comprometida, e estava praticamente noiva, e contava com o consentimento dos pais, sentiu seu castelo de sonhos desmoronar. Mas era do tipo fechado, não contava a ninguém o que sentia, começou definhando-se visivelmente, não comia, não conversava, dormia mal, ia para o trabalho cansado e contrariado, e muito pouco produzia. O pai alertado pela esposa, perguntou a ele o que estava sentindo, estava triste e calado, havia emagrecido, como se estivesse doente. Disse ao pai que estava tudo bem, que era impressão deles.

As coisas pioraram ainda mais, quando Olavo presenciou a chegada de Dionísio à casa de Sr. Guilherme. Dionísio chegou montado em um belo cavalo baio, estava muito bem vestido, com um lindo chapéu na cabeça, era jovem, alegre e bem apessoado. Assim que chegou à casa, com o latir dos cachorros, Solange veio sorridente ao seu encontro, ele desmontou rapidamente, mal

amarrou a corda do cabresto em uma estaca, correu ao seu encontro e a abraçou. Era uma manhã de domingo, Solange estava sorridente, muito bonita em seu vestido rodado e colorido, certamente lhe esperando. Logo apareceram Sr. Guilherme e Dona Josefina, que o cumprimentaram como se já fizesse parte da família.

Olavo que espreitava à distância, estava arrasado, sentiu que não tinha a menor chance, teria que tirar Solange de seu coração, ou não saberia o que poderia lhe acontecer, conviver com aquela dor, não suportaria. Foi para o fundo do quintal, onde ninguém o podia ver, sentou-se no chão e chorou sentidamente, para sufocar o que estava sentindo. Depois de chorar bastante, levantou-se saiu às escondidas para não ser visto, foi até a casa de um amigo que se chamava Adalberto, filho de um vizinho, que morava um pouco distante.

Chegou todos estavam almoçando, o convidaram para almoçar, agradeceu mentindo que já havia almoçado, que Adalberto poderia terminar o almoço, que o esperaria. Sentou-se em uma cadeira na varanda, e ficou aguardando. Assim que termi-

nou de almoçar Adalberto veio até ele, depois de conversarem um pouco Olavo perguntou: — Você decidiu se vai mesmo, mudar para São Paulo?

Adalberto respondeu: — Só estou esperando meu pai conseguir o dinheiro, ele prometeu-me para próxima semana, com o dinheiro no bolso, vou-me embora.

— Estou pensando em mudar também, a algum tempo venho juntando meu dinheirinho, você concordaria se fôssemos juntos, sozinho não tenho coragem.

— Seria muito bom irmos juntos, meus pais não querem que eu vou sozinho. Posso dizer a eles que você vai comigo?

— Espere um pouco, ainda não falei com meu pai, mas mesmo se não concordar eu vou embora, não aguento mais morar nesse lugar. No próximo domingo, volto aqui para combinarmos tudo.

— Então vou dizer aos meus pais, que vamos juntos para trabalhar em São Paulo, assim ele me dá o dinheiro que preciso, vou te esperar.

Olavo chegou de volta à casa, observou que o cavalo do noivo de Solange, ainda permanecia

amarrado à frente da casa que o irmão morava, todos já haviam almoçado. Sua mãe perguntou onde estava, que não veio almoçar no horário. Ele disse que estava dando uma volta pela vizinhança, Dona Ana achou estranho, por que ele pouco saía, mas não disse nada, apenas falou: — As panelas com a comida estão sobre o fogão, você precisa se alimentar direito, está emagrecendo por que quase não come, como hoje é domingo, vou me deitar um pouco, estou precisando descansar minhas pernas.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 23/06/2026.



Sr. PEDRO RESIGNADO

Olavo precisava pensar, na maneira mais apropriada, para dar a notícia aos pais, mesmo que fossem decepcionados e aborrecidos, não se comoveria, teria que ir embora, para nunca mais ver Solange, quem sabe assim a esqueceria, tiraria de sua cabeça, e de seu coração, por sentir que se continuasse ali, não conseguiria esquece-la. Depois de almoçar um pouco, refugiou-se no quarto, para pensar, depois de muito pensar decidiu, falaria com o pai na segunda-feira, ou melhor, comunicaria ao pai sua decisão, por que a considerava irreversível.

Então ficou imaginando como seria morar em São Paulo, o fato de não saber ler e escrever, com certeza lhe faria muita falta, Adalberto era um pouco mais velho que ele, e vinha planejando se mudar a algum tempo, enquanto ele decidira a poucos dias, depois que conversara com ele. Não tinha nem uma mala descente, para levar suas poucas roupas melhores. O justo seria seu pai lhe dar algum dinheiro, depois de trabalhar tantos anos para ele. Mas não pediria nada, em verdade estava com medo da reação do pai, mas havia chegado o momento, de provar a si mesmo que também era capaz.

Na segunda-feira trabalhando ao lado do pai e a irmã Zenilda, por várias vezes pensou falar, mas ia protelando por não saber direito como dizer, até que criou coragem, e disse: — Meu pai, quero dizer ao Senhor que a semana que vem, vou mudar para São Paulo, já combinei com Adalberto, filho do Sr. Natal, vamos juntos.

Sr. Pedro parou de capinar imediatamente, olhou para ele, e perguntou: — Você está ficando louco da cabeça? O que uma pessoa como você, vai fazer lá em São Paulo, se nem documentos você tem?

— Estou pensando ir trabalhar, lá eu tiro meus documentos.

— Você vai me deixar sozinho, para cuidando do cafezal?

— O Senhor vai encontrar uma solução, assim como encontrou quando Domingos foi embora.

— Domingos era casado, e foi trabalhar com o sogro, fazer o que sabia fazer. Você é solteiro, e nunca trabalhou em cidade, ou acha que lá, vai encontrar um cafezal para capinar? Você não está vendo o que estamos sofrendo, com a falta de sua irmã e seu irmão, está querendo que eu e sua mãe, morremos de desgosto.

— Não estou querendo que nada disso aconteça, só quero dar um novo rumo a minha vida, acho que tenho esse direito.

— Tudo bem meu filho, de minha parte você pode ir, mas terá que se explicar a sua mãe, como você disse, vou encontrar uma solução para meu problema. E pensar que plantei todo esse cafezal, para dar trabalho a todos vocês, para que ficássemos sempre juntos, agora entendo que os pais só governam aos filhos, quando pequenos. Quando crescem não con-

sideram os esforços que os pais fizeram, pensando no futuro deles, e os abandonam, ou se acham no direito de governá-los. Mas estou com minha consciência tranquila, de ter feito a minha parte, reconheço que não sou dono de vocês, nem de vossas vidas.

Sr. Pedro muito emocionado, completou: — Depois que se entender com sua mãe, me diz quanto dinheiro vai precisar, que vou providenciar.

— Se o Senhor não puder, Adalberto disse que me empresta, depois pago a ele.

— Isso é que não, não quero que comece devendo às pessoas. Você não faz ideia, como é difícil viver em uma cidade como São Paulo, principalmente se não conseguir logo um trabalho.

Se Olavo não tivesse sofrendo por causa de Solange, desistiria naquele momento, mas agora sentia que não tinha mais volta, o pai havia concordado, iria embora e seria como Deus quisesse.

Aquele restante de dia, quase não mais se falaram, assim que chegou à casa a tarde, aproximou-se da mãe, e disse: — Já conversei com papai, na próxima semana estarei indo com Adalberto, filho do Sr. Natal para São Paulo, vamos morar e trabalhar lá.

— E seu pai consentiu com essa loucura?

— Não é nenhuma loucura, preciso dar um sentido para minha vida, nesse lugar sinto que não tenho futuro, depois, tenho meus motivos para ir embora. Papai concordou, só pediu para que dissesse a Senhora.

— Que motivos são esses, se nunca se queixou de nada, nunca disse que gostaria de mudar, e seu pai como vai fazer sozinho com o cafezal?

— Ele disse que encontrará uma solução, assim como fez, quando Domingos foi embora.

— Se ele concordou, que posso fazer, acho que também logo estarei indo embora, para debaixo da terra, você sabe muito bem, as razões porque estou falando isso.

— Não fale assim mamãe, a Senhora logo se acostumará, sempre vou estar aqui visitando vocês, não vou fazer como Luzia e Domingos.

Dona Ana começou chorar acintosamente, Olavo a abraçou com carinho, e disse: — Se a Senhora prometer não contar para ninguém, eu digo a Senhora por que estou indo embora.

— Se não quer que eu fale, prometo não falar, mas tem que ser por uma boa razão.

— Desde o dia que vi Solange pela primeira vez, eu gostei dela, depois fiquei sabendo que tinha um namorado, que logo iriam se casar, minha vida perdeu o sentido, cheguei pensar em me matar, depois conversei com Adalberto, pensei melhor e decidi ir embora, por que não suportaria mais viver aqui perto dela. É para não cometer uma loucura, que estou indo embora, longe eu vou esquecer.

— Agora te entendo, meu filho, se chegasse se matar por essa moça, eu não suportaria. Não direi nada a ninguém. É melhor tê-lo distante, que vê-lo morto, seria o fim para mim também.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 25/06/2026.

NOTÍCIAS DE OLAVO

No domingo pela manhã, Olavo foi até a casa de Sr. Natal como havia prometido, encontrou Adalberto muito contente, o pai já havia dado o dinheiro que pedia. Olavo perguntou a ele, quanto gastariam com as passagens, Adalberto disse que pegariam o trem numa cidade próxima, e as passagens eram bem em conta, e disse o valor aproximado o quanto gastariam. Conversaram mais alguns assuntos, Olavo teria revelado a ele que não sabia ler nem escrever, Adalberto o tranquilizou dizendo que isso não era

importante, ele sabia apenas rabiscar seu nome, e não estava preocupado com isso. O importante era ter coragem para trabalhar, e saber gastar o dinheiro que ganharia. Nesse quesito Olavo era muito previdente, aprendera com o pai, só comprava o necessário. Então combinaram que sairiam na manhã seguinte, de preferência na madrugada. Tudo combinado, Olavo voltou à sua casa. Disse ao pai, que lhe desse, apenas o valor da passagem, que o amigo havia informado. Sr. Pedro ficou bravo, dizendo que com aquele dinheiro não iria a lugar nenhum, para sua surpresa lhe deu dez vezes mais, e aconselhou: — Guarde bem esse dinheiro, e saiba gastá-lo, ou terá sérios problemas.

Olavo emocionado disse ao pai: — Obrigado meu pai, prometo que um dia vou recompensá-lo por estar me ajudando.

— A recompensa que espero meu filho, que seja sempre um homem de bem, e consiga vencer sozinho honestamente.

Depois abraçou ao filho, ambos tinham lágrimas nos olhos. Naquele mesmo dia à noite, se despediu de todos, dizendo que levantaria na ma-

drugada, pegaria sua trouxa de roupas, e sairia sem acordar ninguém, e todos foram se deitar para dormir. Na madrugada de segunda-feira, Sr. Pedro que havia dormido muito mal, ouviu quando o filho levantou e foi embora, pelo cantar dos galos, deduziu que seriam quatro horas da madrugada. Então continuou acordado até amanhecer o dia, pensando como resolveria seu problema, tinha fé que Deus certamente, iria ajuda-lo encontrar uma solução.

Faziam mais de dois meses que Sr. Guilherme tinha se mudado para o sítio de Sr. Pedro, os dois conversando, Sr. Pedro explicando a ele que o filho havia se mudado para Capital, que por essa razão, teria que ceder em parceria, parte dos dez mil pés de café que cuidava. Sr. Guilherme disse, que estava sabendo que uma família sua conhecida, muito correta e trabalhadeira, que morava não muito distante, que com certeza pegaria, até uns cinco mil pés de café para zelar, devido ser bem numerosa, e não dependeria de moradia, porque moravam em um sítio vizinho. Sr. Pedro perguntou como se chamava esse Senhor, disse que iria se informar sobre ele, por ser uma família assim que precisava. Seu

nome era Sr. Casimiro, ao se informar sobre ele, obteve ótimas referências, foi até sua casa, explicou sua situação, e acabaram combinando, cedendo em parceria cinco mil pés de café.

Por esses tempos, Zenilda e Solange por ter a mesma idade, começaram aproximar-se uma da outra, e tornaram boas amigas, era comum uma ir à casa da outra para conversar. Influenciada pela amiga, que era bem bonita, quando não estava trabalhando, gostava de se arrumar bem. Conversando disse a Zenilda, que ela também era bonita, mas precisava arrumar-se melhor, Zenilda que era meio desleixada, começou seguir seus conselhos, viu que a amiga tinha razão, começou se vestir melhor quando estava em casa, arrumar seus cabelos, elevou um pouco sua autoestima, passou conversar mais com os pais e os irmãos, e às vezes até sorria.

Sr. Casimiro, tinha a idade de Sr. Pedro, era casado com Dona Darci, e tinham nove filhos, somente a filha mais velha era casada, o caçula tinha oito anos, e já ajudava aos irmãos na lavoura. Pelas informações obtidas, Sr. Casimiro era um homem sistemático, mas muito correto, e labutava com

a família para sobreviver. Assim que combinou a parceria com Sr. Pedro, começou zelar da parte do cafezal, que ficaria sob sua responsabilidade, onde metade da produção ficaria com o dono do cafezal, a outra metade com o colono. Mesmo assim Sr. Pedro auxiliado por Zenilda e Nelson cuidariam do restante.

Com as graças de Deus, o problema deixado pela ausência de Olavo fora contornado, e o maior beneficiado naquele momento, parecia ter sido Sr. Casimiro, por que o cafezal aquele ano prometia ótima colheita. Para quem não sabe, a parte mais trabalhosa em uma lavoura de café, é justamente a colheita, naquela época realizada em duas etapas, nos tempos devidos, a primeira colheita conhecida como varrição, consistia em recolher do chão todo café que caiu espontaneamente, a segunda fazer a derriça de todo café, rastelar, abanar, levar para secar ao sol, no terreiro de cimento, e guardar na tulla, pelo fato de o café não amadurecer ao mesmo tempo.

Não obstante a Empresa de Correios e Telégrafos, ter entrado em atividade no Brasil, nos moldes

como é agora em março de 1969, existia à época os Serviços de Postagens. Passados dois meses que Olavo tinha ido embora, Sr. Pedro foi até o povoado fazer compras, conhecido como Vila Rosa, que mais tarde receberia o nome Poloni, em homenagem a seu fundador, o agente dos Serviços Postais, que o conhecia, lhe entregou uma carta, Sr. Pedro perguntou quem era o remetente, ele pegou o envelope e leu: Olavo Cardoso Garcia. Sr. Pedro ficou muito feliz e guardou a carta. Chegando à casa ao entardecer, a primeira coisa que fez, foi mostrar a esposa e aos filhos a carta enviada por Olavo. Zenilda pegou o envelope e o abriu, deparou-se com uma lauda de papel escrita. Disse aos pais que iria chamar Solange, que havia falado a ela, que sabia ler e escrever, mais ou menos. Dona Ana não queria que a chamasse, pelas razões que conhecemos, mas Sr. Pedro disse para chamar, em poucos minutos Zenilda chegou acompanhada de Solange, e lhe entregou o papel escrito. Com dificuldade Solange, leu:

“Quem está escrevendo essa carta a pedido meu, é um colega de trabalho, espero que todos estejam bem

de saúde, e felizes por que logo é o Natal. Como não os esqueço, decidi mandar esse presente a vocês. Eu e Adalberto, assim que chegamos, conseguimos emprego em uma fábrica de calçados, estamos morando juntos em um quartinho que alugamos. No início do ano, vou começar frequentar uma escola à noite, quero aprender ler e escrever, por que está me fazendo muita falta.

Adalberto pediu para dizer aos seus pais, que está tudo bem, que está muito feliz aqui, assim como eu também. Peço se for possível, pedir alguém que escreva uma carta, mandando notícias de vocês, o endereço nosso, está no envelope da carta, sinto que o pior já passou, foi difícil acostumar, quando eu for aí passear, vou contar tudo a vocês, como foi nosso começo, sinto muita saudade de mamãe, papai, Zenilda, Nelson, Basílio e Isabel. Fiquem todos com Deus, vosso filho Olavo”

Quando Solange acabou de soletrar o texto da carta, Sr. Pedro, Dona Ana e Zenilda tinham lágrimas nos olhos, que emocionou Solange. Então Sr. Pedro disse a Zenilda: — Minha filha, busque a lamparina, quero que Solange leia novamente a carta de Olavo.

Solange iluminada pela chama da lamparina à querosene, soletrou novamente todo o texto, quando acabou disse: — Eu não sei se consigo, mas se vocês quiserem, posso tentar responder a carta, vocês vão dizendo bem devagar, o que querem dizer a ele, eu vou escrevendo.

Sr. Pedro disse: — Queremos sim minha filha, faça essa caridade, venha aqui no domingo, vamos mandar notícias nossas, Olavo deve ficar muito feliz.

— Então domingo cedo eu venho para escrever.

Enquanto voltava à casa Solange pensava: “Olavo um rapaz até bonito, mas muito acanhado, nunca veio falar comigo, no começo me olhava como se estivesse apaixonado, de repente passou me ignorar, passava por mim e nem olhava. Para dizer a verdade, muito estranho e esquisito. Esse tal de Adalberto, não me lembro dele, acho que não cheguei conhece-lo”

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 26/06/2026.

O DIA MAIS FELIZ, DA VIDA DE OLAVO

No dia seguinte pela manhã Sr. Pedro foi até a casa de Sr. Natal, pai de Adalberto, foi muito bem recebido por ele, começaram conversar, depois Sr. Pedro disse: — O motivo que me trouxe aqui, foi para dar notícia de seu filho Adalberto.

Sr. Natal chamou a esposa para ouvir, Dona Alice chegou emocionada, ficou de pé ao lado do marido. Sr. Pedro continuou: — Como estava dizendo, no dia de ontem fui até ao povoado, o carteiro me entregou uma carta enviada pelo meu

filho, a carta dizia que logo que lá chegaram, começaram trabalhar em uma fábrica de calçados, alugaram um quartinho e estavam morando juntos, a carta dizia que estavam muito felizes morando lá, e seu filho pediu que os avisassem. Se quiserem mandar alguma carta para ele, lá em casa temos o endereço dos dois.

Dona Alice perguntou: — Será que Adalberto também não mandou uma carta para nós?

Sr. Pedro respondeu: — O carteiro não me disse nada, como Olavo mandou a carta, Adalberto aproveitou, para dizer a vocês que estavam trabalhando, e estavam felizes.

Sr. Natal perguntou, e disse: — Não disseram na carta quando voltarão para ver a gente? O importante é que estão bem e satisfeitos.

— Não disse nada, acredito que isso vai demorar, pessoas que trabalham como empregados, não podem sair assim a qualquer hora, mas pelo que escreveu, estão contentes e satisfeitos. Agora preciso voltar, tenho trabalho a fazer ainda hoje, até mais. Vamos responder a carta de meu filho no domingo, vou pedir para menina escrever, que aqui vocês estão bem.

No domingo cedo Solange munida com um caderno, um vidro com tinta e uma caneta de pena, foi até à casa de Sr. Pedro, chegando disse a Dona Ana: — Vim para escrevermos a carta, para Olavo.

Como o marido havia pedido que viesse, ela disse — Sente-se ali ao lado da mesa, vou chamar Zenilda e o Pedro para ajudar.

Solange disse: — Traz a carta, para ver como começa.

Não que Dona Ana não gostasse de Solange, mas o fato de o filho ter ido embora, por causa dela, ficou um certo ressentimento em seu coração, apesar de considera-la uma moça muito trabalhadeira, humilde, prestativa e muito bonita. Que depois que passou ser amiga de Zenilda, estava conseguindo reanimá-la para a vida.

Logo chegaram os três, e sentaram em volta a mesa, Dona Ana lhe entregou a carta, ela a olhou e começou fazer o cabeçalho, no mesmo molde, depois falou: — Vou começar escrevendo, assim: *“Quem está escrevendo é Solange, não repare minha letra. Seus pais estão dizendo, que esperam que esteja bem de saúde, e que tenha também um bom Natal*

e um bom Ano Novo. Aqui estamos todos bem. Sua mãe e seu pai estão me dizendo, que estão sentindo muita saudade. Apesar de terem chorado, quando eu li a carta, ficaram muito contentes, querem que você faça sempre assim. Seu pai foi até a casa de Sr. Natal, no outro dia, e deu o recado do filho Adalberto, ele e a esposa ficaram felizes, pediram para dizer, que está tudo bem com eles, mas sentem muitas saudades.

Seu pai está mandando dizer, que encontrou um colono que vai zelar de cinco mil pés de café, sem precisar se mudar para o vosso sítio, é o Sr. Casimiro, você deve conhecer, é o pai do Cacildo e do Genésio, esses você conhece. Por enquanto não tiveram nenhuma notícia de Domingos e Luzia.

Como não têm mais nada a dizer, estão mandando beijos e abraços a você, eu mando um abraço também”. Solange.

Solange havia levado um envelope dentro do caderno, depois de ler o pequeno texto da carta, para que ouvissem, endereçou o envelope, entregou a Dona Ana, que disse: — Amanhã Pedro vai ao povoado, para despachar a carta. Muito obrigado

Solange, você é uma menina muito prestativa, Deus lhe pague por tudo.

— Obrigado Dona Ana, quando precisarem de mim, é só me chamar, se puder ajudar, será sempre um prazer. Agora vou embora, Dionísio deve estar chegando, hoje é dia dele vir, até mais.

Todos responderam: — Até mais Solange, e muito obrigado.

Passada uma semana, ao chegar em casa depois do trabalho, uma Senhora moradora do mesmo cortiço onde moravam, chegou até ele, e perguntou: — Qual é o seu nome?

— Meu nome é Olavo Cardoso Garcia, por que?

— O carteiro esteve aqui essa tarde, e deixou uma correspondência em seu nome, espere que vou busca-la.

O coração de Olavo acelerou de emoção, assim que a Senhora lhe entregou o envelope, ele perguntou: — A Senhora conhece alguém que poderia ler para eu ouvir?

— Se você quiser, posso ler para você, apesar de não saber ler muito bem.

— Quero sim, deve ser de meus pais, que moram no interior.

— Venha até aqui, vamos nos sentar, eu leio bem devagar.

A Senhora conhecida como Dona Tita, abriu o envelope, e começou ler: “Quem está escrevendo é Solange, não repare minha letra...” Nesse momento Olavo que já estava emocionado, sentiu algo difícil de se explicar, todo aquele amor que sentia por Solange, que estava hibernado em seu coração, subitamente despertou, assim que ouviu seu nome, Dona Tita concentrada na leitura não percebeu, mas seus olhos encheram de lágrimas, ela só percebeu quando terminou de ler. Olavo estava chorando e sorrindo, principalmente quando ouviu, Solange lhe mandando um abraço. Seria possível, o que significava tudo aquilo, uma esperança renasceu em seu coração, pensou consigo mesmo, eu quero Solange para mim, vou fazer tudo que puder, ela será minha.

Dona Tita percebeu a emoção de Olavo, perguntou: — Solange é sua namorada?

— Não Senhora, mas gostaria muito que fosse. Muito obrigado, o que a Senhora leu, deixou-me muito emocionado e feliz. Deus lhe abençoe.

Então Dona Tita, disse a ele: — Você um rapaz tão jovem, e educado, deveria aprender ler e escrever, existem cursos noturnos para adultos, foi assim que aprendi o pouco que sei.

— A Senhora tem razão, vou começar ir à escola assim que começar as aulas, já me matriculei, mais uma vez, muito obrigado.

Olavo chegou ao quarto que dividia com Adalberto, deitou em sua cama, e ficou contemplando aquela folha de papel, escrita por Solange, pensar que aquele papel esteve em suas mãos, se soubesse ler, ficaria lendo aquela carta a noite toda, pensando, no abraço que ela havia mandado a ele. Aquele fora o dia mais feliz de sua vida. Deliberou, guardaria aquela carta para sempre, logo aprenderia ler, então realizaria esse seu desejo.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 27/06/2026.



SEGREDO REVELADO

Passado o Natal, o Ano Novo havia se iniciado, os rumores da grande guerra, cada vez mais se acentuavam, com informações nem sempre precisas, estabelecendo um clima de dúvidas e incertezas, o mercado do café praticamente paralisado. Há alguns anos o governo de Getúlio Vargas, vinha comprando o café dos produtores para assegurar os preços, como não tinha como armazenar tanto café, passou incinerar toneladas e toneladas do grão. Os cafezais aquele ano prometiam excelente colheita, os produtores viviam um

drama, se deveriam ou não realizar a colheita, trabalhosa e onerosa, corriam boatos que o governo não compraria mais o café produzido, para o desespero da população rural, e também dos comerciantes, em virtude de fornecer aos cafeicultores, para só receber quando vendessem seus produtos.

A parceria de Sr. Casimiro que no princípio parecia ter sido um bom negócio, acenava agora como péssima decisão, conversando com Sr. Pedro, discutia a possibilidade, se deveriam ou não colher o café aquela safra. Sr. Pedro disse que independente do que acontecesse, ele e o Sr. Guilherme iriam colher seus cafezais, era a única fonte de renda que possuíam, que não acreditava que o governo iria desampara-los. Com esses argumentos, acabou convencendo o parceiro também colher seu cafezal. Os primeiros grãos de café começavam amadurecer. Sr. Pedro aventou a possibilidade, de um de seus filhos ajuda-lo nos trabalhos preliminares à colheita, mediante pagamento dos dias trabalhados. Sr. Casimiro concordou, dizendo que era possível sim.

Assim que Genésio, um dos filhos de Sr. Casimiro ficou sabendo, prontificou-se trabalhar para Sr. Pedro,

no momento que ele precisasse. Faz-se oportuno revelar, que essa decisão de Genésio tinha um propósito, aproximar-se de Zenilda. Naquela época, os rapazes da roça, tinham um certo receio, aproximar-se de uma moça e se declarar-se, às vezes se utilizavam de um intermediário. Devido as moças da roça, serem muito tímidas e reservadas, através da convivência, tornava possível sondar o terreno, e descobrir se a intenção lograria êxito ou não. Fora exatamente o que aconteceu com Olavo, quando descobriu que Solange já tinha um namorado, percebeu que o caminho estava obstruído, por essa razão, mesmo apaixonado, renunciou levar adiante o intento.

A propósito o namoro de Solange com Dionísio, por esses tempos, havia terminado, por algumas vezes o namorado, deixou de comparecer à sua casa, em alguns domingos previamente combinado, deixando-a esperando preocupada. Solange pediu ao irmão Marcilio, que descobrisse por que isso estava acontecendo. Marcilio saiu à campo, não foi difícil descobrir, que Dionísio tinha uma outra namorada, filha de um sitiante. Informada, a primeira vez que Dionísio compareceu à sua casa, incontinenti

Solange despejou sobre ele, um monte de impropérios e rompeu o namoro, pedindo que fosse e nunca mais voltasse. Depois trancou-se no quarto e chorou sentidamente, depois entrou em profundo estado depressivo, deixou de ir ajudar o pai e os irmãos na lavoura, e vivia chorando pelos cantos.

Sabendo do acontecido, Dona Ana sensibilizada com o estado de Solange, queria ajuda-la, mas Olavo havia pedido que não revelasse a ninguém, o motivo de estar indo embora. Depois de muito ponderar, Dona Ana pediu a filha caçula Izabel, que fosse até sua casa, e a dissesse que a mãe queria conversar com ela.

Solange sem saber do que se tratavam foi até lá. Assim que chegou, Dona Ana chamando-a para um lado, disse: — O que vou lhe contar é um segredo que meu filho Olavo me revelou, antes de ir embora, e diz respeito a você, por isso peço, que fique somente entre nós duas, nem mesmo ele pode saber que lhe contei. Vou lhe dizer por que gosto de você, por ser uma boa moça, e sei que está sofrendo.

— Tudo bem Dona Ana, se a Senhora quer que eu saiba, prometo não contar a ninguém.

— Assim que vocês mudaram para cá, e Olavo a viu, se apaixonou por você, depois ficou sabendo que tinha namorado, o coitado começou sofrer calado, não conversava, pouco comia, não dormia direito, emagreceu, andava triste, pensando se matar, depois conversando com Adalberto, soube que queria se mudar para São Paulo, para não cometer uma loucura, resolveu acompanhá-lo, quem sabe longe te esqueceria. Foi por essa razão, que deixou o pai, sobrecarregado e foi embora, para não fazer o pior. Como terminou seu namoro, achei que precisava saber, que Olavo te ama muito. Para que comece pensar nisso.

— Não sabia que Olavo gostava de mim. Por que nunca me disse nada?

— Imagino por respeito, por saber que era comprometida.

— Obrigado Dona Ana, vou guardar segredo, e começar pensar no que a Senhora me disse. Ele não mandou mais nenhuma carta?

— Ainda não, estamos esperando, assim que chegar, a chamaremos para que leia.

No dia seguinte Solange acordou cedo, vestiu sua roupa de trabalho, e acompanhou o pai e os ir-

mãos ao cafezal, a conversa que teve com Dona Ana, devolveu-lhe a alegria de antes, quando se lembrava de Dionísio, no mesmo instante, desviava seu pensamento para Olavo, que a amava, pretendia o mais rápido possível, colocá-lo em seu coração, para ocupar o lugar onde Dionísio esteve por mais de um ano, mas tornou-se indigno em ocupa-lo.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 28/06/2026.

O PROGRESSO DE OLAVO

Naqueles dias Sr. Pedro esteve ao povoado, e o carteiro lhe entregou outra carta de Olavo, chegou à casa ao anoitecer, a primeira coisa que fez, foi entregar a carta a esposa. Dona Ana emocionada mostrou a filha Zenilda. Naquela hora, começo da noite, Solange já deveria ter tomado banho e jantado, pediu que a fosse chamar, estava ansiosa para saber as notícias do filho. Zenilda chegou à casa de Sr. Guilherme, toda família estava sentada a mesa jantando, a convidaram para jantar, ela agradeceu e disse: —

Solange, depois do jantar você poderia ir lá em casa, mamãe quer que você leia para nós ouvir, outra carta de Olavo, que papai trouxe da vila hoje.

Solange se levantou, e disse: — Já terminei de jantar, então vamos antes que escureça.

Imediatamente as duas saíram, como as casas ficavam próximas, rapidamente chegaram, Sr. Pedro já havia soltado seu cavalo no piquete que ficava ao fundo da casa. Solange cumprimentou a todos, Dona Ana já havia providenciado a lamparina. Assim que todos se acomodaram em volta a mesa, Dona Ana lhe entregou a carta, ainda lacrada, ela a abriu, dentro da lauda dobrada, uma fotografia de Olavo de corpo inteiro, de pé ao lado de uma estátua de bronze, certamente em algum local cívico, aberto à visitação pública.

Olavo estava muito bem vestido, usava uma linda camisa branca de mangas compridas, sob a calça, deixando a mostra um lindo cinto de couro, e sua fivela reluzente, cabelos e barba bem aparados, muito pouco lembrava a figura simplória, vestido com suas roupas grossas de trabalho, a poucos meses atrás, quando morava no sítio do pai. Solange a pegou, olhou rapidamente e sorriu, depois passou

a Dona Ana, que teve de aproximar da claridade da lamparina para reconhece-lo, depois a foto circulou de mãos em mãos, e todos se admiraram da transformação ocorrida com Olavo, só então Solange começou ler, mais ou menos nesses termos:

Querida família.

“Quem está escrevendo é Noel, um amigo de trabalho de Olavo, o mesmo que escreveu da outra vez, mas penso que logo não será mais preciso, como vocês poderão ver ao final dessa carta.

Aqui está tudo bem comigo e com o Adalberto, que também estará mandando uma carta a sua família, nos próximos dias. Temos trabalhado muito, e minha vida está muito corrida, por que além das horas extras, que tenho feito todos os dias, estou frequentando uma escola noturna para alfabetização de adultos, das sete as nove da noite, aqui existem muitas pessoas como eu, que também estão aprendendo ler e escrever.

Fiquei aliviado quando soube que papai, deu em parceria metade do cafezal que zelava, tenho ouvido falar muita coisa, sobre a crise do café.

Também fiquei feliz saber que Solange, está lendo e escrevendo as cartas para vocês, achei que ela já havia se casado e mudado.

Tem hora que penso que papai, deveria vender o sítio e se mudarem para São Paulo, aqui existe trabalho para todos que querem trabalhar, o salário não é muita coisa, mas ele vem todos os meses, e dá muito bem para se viver. Fazem poucos meses que estou morando aqui, já decidi que não pretendo voltar para morar, somente para visitar vocês.

Acho que já falei tudo que queria dizer. Estou com muita saudade de todos, estou mandando um forte abraço, para mamãe, o papai, a Zenilda, o Nelson, o Basílio, e para Izabel. Que todos fiquem com Deus.

Para terminar, queria também dizer, o meu muito obrigado a Solange, e mando também a ela, meu forte abraço”. Olavo Cardoso Garcia

Obs.: Ao final da carta, Olavo a assinou de próprio punho, provavelmente copiando seu nome de algum papel.

Terminada a leitura, Solange perguntou: — Onde está a fotografia de Olavo, quero olhar direito.

Alguém lhe passou a fotografia, ela olhou detidamente, depois disse: — Acho que vou me mudar para São Paulo, talvez eu também fique mais bonita.

Todos riram dela, Zenilda comentou: — Quem dera se eu fosse bonita como você.

Depois Solange perguntou: — Vocês querem novamente, que eu ajude responder a carta de Olavo?

Dona Ana manifestou-se dizendo: — Queremos sim, mas venha quando você puder.

— Venho no domingo, como da outra vez. Agora vou embora, já está escuro. Boa noite a todos vocês.

Todos responderam, o boa noite de Solange. Sr. Pedro agradeceu dizendo: — Obrigado Solange, acho que foi Deus quem mandou, que viesse morar aqui, para nos ajudar.

Solange não disse nada, apenas saiu sorrindo.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 28/06/2026.



AS ESTRATÉGIAS DE GENÉSIO

No dia seguinte, Sr. Pedro foi até onde trabalhavam Sr. Casimiro e os filhos, dissera que começara os trabalhos preliminares à colheita, caso quisesse mandar o rapaz para ajuda-los, ele estava precisando. No mesmo instante disponibilizou Genésio para ir ajudar.

Genésio tinha apenas dezenove anos, apesar de não ser o filho mais velho, era o mais disposto e participativo, fazia qualquer tipo de trabalho, e estava sempre sorrindo, de bem com a vida, apesar da vida difícil que levavam. Como dissemos Sr. Casimiro

e a esposa Dona Darci, tiveram nove filhos, apenas a filha mais velha havia se casado com um rapaz da localidade, e já era mãe de três filhos. Às vezes Sr. Casimiro brincava, dizendo que alguns de seus filhos, logo ficariam para titios, o mais velho tinha vinte e cinco anos e era solteiro, coisa rara de acontecer, por que geralmente os rapazes e as moças que moram na roça, casavam cedo.

Assim que Genésio chegou acompanhado de Sr. Pedro, ao local onde Zenilda e Nelson trabalhavam, os cumprimentaram com formalidades, tomou um gole de água e começou trabalhar, sem interromper o trabalho, Sr. Pedro para quebrar o silêncio, perguntou: — Quantos são os que trabalham na lavoura, em sua família?

— Somos em nove filhos, tenho uma irmã casada, outra irmã mais nova que eu, agora está ficando em casa ajudando minha mãe, que já está bem cansada, o restante todos vamos para a roça. Com meu pai, e meu irmão caçula com oito anos, somos em oito. Com o cafezal que arrendamos do Senhor, cuidamos agora de treze mil pés de café, plantamos uma pequena roça com arroz

e milho. E trabalhamos por fora, quando aparece algum serviço na vizinhança. Família grande, despesa grande, meu pai coitado, às vezes passa sérios apertos.

Sr. Pedro comentou: — Esse ano que vamos ter uma boa colheita, tenho ouvido falar, que não tere-
mos quem compre nosso café, se isso acontecer, não sei como será, todos nós que dependemos do café, encontramos endividados. Toda guerra trás, mortes, fomes, desempregos e crises. Quando em verdade, não temos nada com essa guerra.

Sr. Pedro deu um tempo, como Genésio continuou trabalhando calado, talvez pensando na situação de seu pai, disse: — Seu pai é engraçado, quando diz que alguns de seus filhos estão encalhados, o que você acha dele falar assim?

— Em verdade, o que meu pai gostaria, é que meus irmãos se casassem, e fossem viver a vida deles, meus dois irmãos mais velhos são acomodados, já tiveram algumas namoradas, mas quando elas falaram em casamento, eles saltaram fora, penso que não querem responsabilidade. Acho também que meus pais estão cansados, que-

riam ter uma vida mais tranquila, mas como, com a casa cheia de filhos?

— E você pensa fazer como eles?

— Eu não, gostaria sair da casa de meus pais, assim que encontrar uma moça boa e honesta, vou me casar, e cuidar de minha vida. Já falei isso para minha mãe.

— Para você ver, quando plantei essa lavoura de café, pensava dar trabalho para todos meus filhos, para tê-los sempre perto de mim. A menos de um ano, meus sete filhos, estavam comigo, agora só tenho quatro.

— Fiquei sabendo que até pouco tempo atrás, o Senhor com seus filhos, cuidavam de todo esse cafezal sozinhos.

— Para você entender, como a vida da gente muda de repente.

E os dois continuaram trabalhando e conversando, Zenilda e Nelson continuavam trabalhando, só ouvindo a conversa deles, de vez em quando Genésio falava algumas coisas engraçadas, para logo depois cair na risada, uma coisa era certa, o ambiente de trabalho de

Sr. Pedro com a presença de Genésio, ficou mais animado e alegre.

No segundo dia, Genésio foi o primeiro a chegar ao trabalho, quando Sr. Pedro e os filhos chegaram o encontraram trabalhando, assim que deram uma pausa para tomar água, entregou a Zenilda um bortal cheio com laranjas, disse a ela: — Trouxe para vocês, são laranjas doces lá do quintal de nossa casa.

Zenilda recebeu o bortal com as laranjas, e o agradeceu, dizendo: — Muito obrigado, só vou experimentar, quando chegar o almoço.

Sr. Pedro disse a filha: — Dê-me uma laranja dessas Zenilda, quero ver se é doce mesmo?

Sr. Pedro tirou o canivete, descascou a laranja, chupou e disse: — Não é que está doce mesmo, não vou chupar outra, por que depois não almoço direito.

A partir daí Genésio, ora conversava com o pai, ora com a filha, ora com o filho, e dessa maneira ia conquistando a todos, passado uma semana, disse ao Sr. Pedro: — No domingo depois do almoço, posso ir à sua casa, para conhecer Dona Ana e conversar com seus filhos?

Sr. Pedro desconfiado de suas intenções, disse: — Faz assim, vai mais cedo para almoçar com a gente.

— Obrigado Sr. Pedro, então vou mais cedo, e fico para almoço.

Sr. Pedro estava certo, a intenção de Genésio era aproximar-se de Zenilda, e a amizade entre eles, facilitou do namoro, Sr. Pedro e Dona Ana, aprovaram, pelo fato de ser um rapaz trabalhador, muito educado e atencioso, que de certa forma, deu um sentido à vida de Zenilda, que havia sofrido muito com a partida da irmã, que até então, ninguém saberia dizer, onde estava e como estava.

Voltando às cartas de Olavo. No domingo combinado, Solange compareceu à casa de Sr. Pedro, reunida a família, responderam a sua segunda carta. A qual nos eximimos de reproduzi-la na íntegra. Em um dos trechos Solange escreveu, com anuência de Dona Ana: “Sua mãe está querendo saber, se já encontrou uma namorada aí na Capital”, em um outro trecho com consentimento de Dona Ana, escreveu: “Quanto ao meu casamento, não vai haver mais, eu e Dionísio terminamos nosso namoro, por isso vou continuar morando aqui, lendo e res-

pondendo a todas as cartas que você mandar, com muito prazer”. Ao encerramento, quando todos mandavam seus abraços de saudade, Solange na última linha escreveu: “Também desejo a você tudo de bom, e envio meu forte abraço, Solange”.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 30/06/2026.



AMAR É SOFRER

Como todos os dias, Olavo chegava apressado do trabalho, tomava banho, se arrumava e ia para escola, quando estava saindo para estudar, encontrou Dona Tita, que lhe disse: — Boa noite Olavo, hoje o carteiro esteve aqui, deixou comigo mais uma carta a você, quer que vou buscar?

— Quando voltar da escola, vou até onde mora, gostaria que a Senhora a lesse para eu ouvir, pode ser?

— Pode ser, nós vamos dormir tarde.

Quando chegou da escola, foi direto até ao quarto onde Dona Tita morava com o marido, o

convidou para entrar e sentar, buscou a carta, abriu e começou ler pausadamente. Quando terminou Olavo estava mais emocionado, que a vez anterior. Pelo fato de saber que estava tudo bem com sua família, e principalmente por saber que Solange não era mais comprometida. Essa informação o fazia resgatar um sonho que considerava perdido. Agora precisava pensar, como deveria fazer, para não pôr em risco essa chance, e a conquistar de vez.

Agradeceu a Senhora, pegou a carta, despediu-se e foi para seu quarto. Deitou em sua cama e ficou se perguntando: “O que teria acontecido para que Solange e Dionísio terminassem o namoro? Mamãe teria contado a ela nosso segredo? Por que de repente mamãe queria saber se eu tinha uma namorada aqui? Será que Solange descobriu, que foi por sua causa que eu me mudei?”

Eram perguntas que não tinham respostas, a não ser que fosse lá pessoalmente para descobrir. Mas era um empregado, recém admitido, não podia nem pensar ausentar-se do trabalho, e da escola, eram compromissos que havia assumido. Nisso chegou Adalberto, que geralmente chegava a aquelas

horas, como não tinha compromissos, ficava trabalhando, fazendo horas extras.

Adalberto conhecia as razões, que haviam feito Olavo deixar os pais e se mudar para São Paulo. Para desabafar o que estava sentindo, Olavo contou da carta que recebera, e o que ficara sabendo, sobre o fim do namoro de Solange.

Adalberto disse a ele: — Em seu lugar, esqueceria de vez essa moça, olha para você agora, é outra pessoa, está trabalhando, está estudando, mulheres existem em todos os lugares, e são todas interessantes, quando não obtêm o que quer, de troca por outro, que tem o que ela quer, pense em você, não se complique novamente.

Olavo ficou pensando, depois falou: — Sabe por que você pensa assim? Por que nunca gostou de ninguém de verdade, do que me adianta ter o que tenho, ou vir a ter amanhã, se não tiver ao meu lado a pessoa que eu amo. Com ela ao meu lado, poderei ter ainda mais, e ser feliz.

— Se essa Solange gostasse de você de verdade, teria deixado seu namorado, quando o conheceu, mas agora percebeu, que você pode

dar a ela, o que o outro não pode, então está tentando cativa-lo agora.

— A única coisa que tenho a dar a ela, é o meu amor, eu não possuo nada além disso.

— Por isso estou lhe dizendo, quando ela perceber que não tem nada, vai lhe trocar por outro que tem, ou você quer pagar para ver?

— Vamos parar com essa conversa, eu estava feliz, e você estragou tudo, não quero mais falar sobre esse assunto com você.

Olavo se virou para o outro lado da cama, ninguém o convenceria que poderia ser feliz, sem Solange, principalmente agora que ela estava sozinha. Se soubesse escrever, escreveria uma carta para Solange, contando a ela tudo que sentia, que a única coisa que tinha a lhe oferecer era seu amor, então saberia se ela o amava ou não. Então ficou pensando no que fez Luzia, quando conheceu Otacilio, largou tudo e a todos por ele. O que teria acontecido a ela depois, gostaria muito saber.

Aquela noite muito pouco dormiu, de tanto pensar, chegou à conclusão que iria pagar para ver, faria tudo ao seu alcance, para ter Solange, caso ela também o quisesse.

No dia seguinte procurou seu colega de trabalho, que se chamava Noel, perguntou se poderia escrever uma outra carta para ele. Como eram bons amigos, Noel disse que escreveria quando ele quisesse, combinaram que seria no domingo próximo.

Se encontraram em uma praça, na hora conforme combinaram, antes de começar, explicou ao amigo que desta vez, a carta seria endereçada em nome de Solange Aparecida Antunes, a pessoa que estava lendo e respondendo suas cartas aos seus pais.

A carta fora escrita mais ou menos, nesses termos:

Para Solange

“Quando fiquei sabendo, que havia terminado seu namoro, senti que era minha chance de lhe dizer algumas coisas, que somente minha mãe tinha conhecimento. Assim que vocês mudaram para o sítio de meu pai, quando a vi pela primeira vez, meu coração me disse, que você seria a pessoa de minha vida. Nunca havia sentido felicidade tão grande, até o momento que fiquei sabendo, que era comprometida, e seus pais aprovavam seu namoro. Minhas esperanças terminaram, quando vi seu namorado chegando em sua casa,

e você correu ao seu encontro, demonstrando que gostava dele. Minha vida perdeu o sentido, por saber que seria impossível tirar você de meu coração, pensei até fazer uma loucura, depois pensei melhor, talvez se me mudasse para longe, onde nunca mais a visse, poderia te esquecer, e apagar o que me aconteceu. Antes de me mudar, contei a minha mãe, as razões que estavam me obrigando mudar. Ela entendeu minhas razões. Quando meu coração começava ficar em paz, você surge de novo em minha vida, através das cartas que escreveu, para minha família. Agora fico sabendo que acabou seu namoro, senti que era a chance de te dizer, o que sinto desde que a conheci. Não tenho nada para te oferecer, se me disser que posso recomeçar sonhar com seu amor, que você pode vir gostar de mim, minha vida vai mudar, terei motivos para lutar, e fazer tudo para ter você comigo. Não conte a minha mãe, que lhe fiz essa confissão. Apenas me escreva dizendo se o que pensa sobre o que estou te revelando” Olavo Cardoso Garcia

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 01/07/2026.

RETORNO A CASA PATERNA

Não obstante o carteiro não conhecer Solange, nem seu pai para entregar a carta, observou que o remetente era o mesmo que enviava cartas ao Sr. Pedro Garcia. Assim que encontrou Sr. Pedro no povoado, perguntou-lhe: — Sr. Pedro, acaso o Senhor conhece alguém, pelo nome de Solange Aparecida Antunes?

Sr. Pedro pensou, e perguntou: — Por que está me perguntando?

— Tenho uma correspondência de seu filho Olavo, para ser entregue a essa pessoa, que não sei quem é, para poder entregar a carta.

— Conheço sim, é filha de meu colono Sr. Guilherme Antunes, moram em meu sítio.

— O Senhor poderia avisar a ela, ou ao seu pai.

— Se quiser posso levar a carta a ela, quase não vêm aqui ao povoado.

— O Senhor poderia me fazer esse favor.

— Posso sim, e em meu nome não chegou nada?

— Por enquanto não.

Chegando à casa ao anoitecer, Sr. Pedro pediu a filha Izabel para levar a carta e entrega a Solange.

Solange que havia chegado do trabalho no cafezal, com o pai e os irmãos, havia tomado banho, esperava pelo jantar. Izabel chegou discretamente à porta da cozinha, e a chamou para fora, e lhe entregou o envelope lacrado, Izabel deu um sorriso e voltou à casa, Solange emocionada foi para seu quarto, não acreditou quando leu o nome do remetente. Achou estranho, e não resistiu, abriu o envelope, e começou ler a carta.

Quando terminou, percebeu que a mensagem coincidia com o que havia ouvido de Dona Ana, Olavo realmente gostava dela, ou não teria mandado aquela carta, assim que soube que havia

terminado o namoro com Dionísio. Deliberou que não comentaria com ninguém, teria que pensar no assunto, somente depois decidiria o que escreveria a Olavo, primeiro falaria com Dona Ana, sua opinião e apoio, seriam muito importantes para orientá-la, uma vez que praticamente não conhecia Olavo direito, apenas o tinha visto algumas vezes.

Quando sentou à mesa para jantar, a mãe perguntou: — O que a menina Izabel queria com você?

— Disse que Dona Ana gostaria falar comigo. Depois do jantar, vou até lá, ver o que ela quer.

Assim que terminou o jantar, foi ao seu quarto, pegou a carta e a escondeu, e saiu em direção à casa vizinha. Sr. Pedro já havia falado a esposa, que havia trazido uma carta de Olavo a Solange, Dona Ana não fez nenhum comentário. Quando Solange chegou, Dona Ana a chamou até seu quarto, e encostou a porta. Então leu para que ouvisse, o que Olavo a escreveu. Dona Ana depois de ouvir, comentou: — Olavo ainda gosta muito de você.

— E o que devo fazer agora, ele pediu minha resposta, eu não sei o que dizer, muito pouco nos conhecemos.

Dona Ana, disse: — Pense muito bem primeiro, não quero que meu filho volte a sofrer, ainda mais agora que está lá sozinho, faça o que seu coração pedir. Mas não o decepcione.

— Está bem Dona Ana, vou pensar bastante, só depois vou escrever a ele.

Com o término de seu namoro com Dionísio, sabendo que a trocara por outra, queria lhe dar o troco também, arrumando para si um namorado, e não existia pessoa melhor que Olavo, filho do patrão de seu pai, que havia deixado o sítio paterno, por sua causa, e fora para vencer sozinho em São Paulo. A partir daquele momento, passou seriamente pensar em Olavo como a pessoa certa para retirar-la daquela vida, de moça da roça.

Estavam todos envolvidos com a colheita do café, Zenilda feliz por estar namorando Genésio, que cada dia mais, conquistava seu amor e a simpatia de sua família. Depois da breve conversa que Solange manteve com Dona Ana, deliberou escrever para Olavo, a carta dizia que Olavo deveria continuar pensando nela, não mais como um sonho, mas como realidade, que seu amor lhe bastava,

que ficaria lhe esperando, o quanto fosse preciso, não como qualquer pessoa, mas como sua namorada de verdade.

A colheita do café havia se encerrado, a tulha do sítio se encontrava abarrotada, com o café colhido por Sr. Pedro e seu colono Sr. Guilherme, sem conseguirem vender uma só saca do produto. O governo sem decidir se continuaria ou não, comprando café para depois incinerar, por que haviam boatos que as exportações, logo voltariam movimentar o mercado que se encontrava acéfalo.

Depois de um ano morando em São Paulo, Olavo tinha economizado um bom dinheiro, o suficiente para alugar e mobiliar uma pequena casa. Depois que passou namorar Solange por correspondência, seu relacionamento com Adalberto tornou-se complicado, devido suas críticas ao seu namoro, Olavo o preveniu que quando voltasse do interior, iria procurar um outro local e morar sozinho.

As férias trabalhistas no Brasil, foram instituídas por um decreto-lei, em 1925. Todo trabalhador registrado, a partir de então, teriam direito a quin-

ze dias de folga remunerada, por cada período de um ano trabalhado. Assim que Olavo adquiriu seu direito a férias, na indústria de calçados que trabalhava, manifestou seu desejo em utiliza-las, e foi atendido. Nesses últimos tempos, ele mesmo lia e escrevia as cartas para Solange e para sua família, sem depender de ninguém, seu progresso na escola fora muito bom e rápido. Pela primeira vez depois de mais de um ano, retornava sozinho para rever sua família e também a namorada.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 02/07/2026.

OS FILHOS PERTENCEM AO MUNDO

A recepção de Olavo pela sua família, não poderia ter sido melhor, principalmente pelos seus pais, que perceberam sua transformação para melhor, estava saudável, muito bem cuidado e bem vestido, não tinha mais o semblante triste depressivo, de um ano atrás, quando foi embora. Para agradar, trouxe uma pequena lembrança, para cada um de seus familiares, como demonstração de carinho. Todos de sua família, como também da família de Solange, tinham conhecimento, do namoro deles através de cor-

respondências, e como tudo tivera início, as duas famílias aprovavam, e torciam que tudo haveria de dar certo, devido ambos serem bons filhos, e as qualidades que possuíam.

Olavo chegou em um dia de sábado, todos estavam almoçando, depois dos cumprimentos, sentou-se à mesa para almoçar, enquanto almoçava dava explicações, e respondia ao que perguntavam sobre sua viagem, e a vida que estava levando na Capital. Depois do almoço conversando com a mãe, perguntou sobre Solange, Dona Ana lhe disse:

— Todos estávamos esperando que chegasse só amanhã, como nos havia informado, Solange está muito ansiosa para vê-lo pessoalmente, disse-me que ultimamente, não está conseguindo dormir direito, pensando como será vosso encontro, tem medo que você possa se decepcionar. Como você sabe, é uma menina simples, que ajuda o pai e os irmãos na lavoura. Nesse momento deve estar no cafezal trabalhando, assim que chegarem, vou pedir para Izabel, avisa-la que chegou, então dará a ela um tempo, para que se arrume para recebe-lo.

— Minha vontade é ir lá no cafezal, onde estão trabalhando, para vê-la.

— Não faça isso meu filho, ela não vai gostar, apesar de ser uma moça simples, é vaidosa com sua aparência, fica muito bonita quando está bem arrumada. Depois terão muito tempo para ficarem juntos, e conversarem tudo que quiserem. Como hoje é sábado, daqui a pouco estarão chegando.

Enquanto esperava, ouvia o pai se queixar das dificuldades que estavam passando, com a tulha cheia de café, sem ter para quem vender, explicava que a situação de Sr. Guilherme era ainda pior, por ser colono, seu crédito no armazém era bem limitado, já estava todo comprometido. Se as coisas não mudassem logo, não saberia o que poderia acontecer. A mesma situação enfrentava Sr. Casimiro, seu outro colono, pai de Genésio, o namorado de Zenilda, que tinha uma grande família a sustentar.

Olavo tentava animar o pai, dizendo: — Ouvir dizer que as exportações de café, reiniciariam esse mês, vamos esperar que aconteça, como haverá muita gente querendo vender seu café, assim que as compras se iniciarem, nesse primeiro momento,

possivelmente o preço vai ser muito baixo, aconselharia vender somente o necessário, e esperar o preço melhorar para vender o restante.

— Gostaria que essas conversas fossem verdade, ou não sei o que vai ser dos produtores de café.

Nesse momento Dona Ana entrou na sala onde estavam, disse: — Sr. Guilherme e os filhos chegaram do cafezal, vou pedir para Izabel avisar Solange que você chegou, e quer vê-la.

Assim que a mãe saiu, Olavo perguntou ao pai: — Genésio o namorado de Zenilda, é um bom rapaz? O Senhor está gostando do jeito dele?

— É um bom rapaz, educado, trabalhador, não têm vícios, mas é pobre e trabalha na roça, que futuro pode ter um rapaz como ele. Sua vontade é casar-se e ir morar e trabalhar na cidade, mas o que pode uma pessoa como ele, fazer na cidade?

— Em uma cidade como São Paulo, tem muito emprego, para gente assim como nós do interior, se a pessoa tiver muita força de vontade, conseguir um emprego, ser esforçado, ter responsabilidade, poderá viver muito bem, assim como fizemos eu e Adalberto, não nos arrependemos.

— Converse com ele meu filho, explique como é a vida lá. Talvez seja bom para ele e para Zenilda, por que já estão dizendo, que querem se casar, assim que conseguir vender o café.

— Do jeito como falou, penso que o Senhor não está mais se importando, que seus filhos se mudem para longe, como antes?

— Depois do que aconteceu, cheguei a conclusão, que criamos nossos filhos para o mundo, cada um é dono de sua vida, e devem seguir seu próprio caminho. Eu fiz assim quando era jovem, abandonei minha família para cuidar de minha vida, depois conheci sua mãe, e formei minha família. Não seria justo impedir que meus filhos fizessem o que um dia também fiz.

— O dia que o Senhor ficar sozinho com mãe, deve vender o sítio, mudarem para cidade, e viverem despreocupados, todos nós temos saúde, fomos bem criados, vamos encontrar nosso lugar no mundo, para fazer também nossas vidas.

Sr. Pedro emocionado falou: — Só gostaria que nossos filhos, não nos esquecessem, como estão fazendo, como se não existíssemos, os avós

precisam conhecer e conviver um pouco com os netos também.

— O Senhor está certo, eu prometo que vou fazer a minha parte, como o Senhor gostaria que todos fizessem.

Passada uma hora, Olavo entrou no quarto, abriu sua valise, retirou um embrulho, onde continha um presente para Solange, arrumou os cabelos, e saiu em direção à casa de Sr. Guilherme, Solange que o esperava, quando o viu aproximar-se, foi ao seu encontro.

Ele a cumprimentou pegando em sua mão, depois disse, entregando-lhe o pequeno embrulho: — Trouxe um presentinho para você, espero que sirva, está tudo bem com vocês?

— Não precisava se incomodar, muito obrigado pelo presente. Aqui está tudo bem, achamos que só chegaria amanhã, por isso fui ajudar terminar um serviço lá no cafezal.

— Estava com tanta vontade vir, que levei minha mala para o trabalho, quando saí fui direto para estação, esperar pelo trem, viajei a noite toda, cheguei em casa a hora do almoço. Seus pais estão em casa?

— Estamos todos em casa, vamos acabar de chegar.

Todos o esperavam, chegou um pouco encabulado, cumprimentou o pai, depois a mãe, por último os dois irmãos, Sr. Guilherme pediu que se sentasse, Olavo se sentou em uma cadeira, Dona Josefina, mãe de Solange, perguntou: — Seus pais ficaram muito felizes, quando viram você chegando?

— Ficaram sim, resolvi vir um dia antes, para fazer uma surpresa. Por que estava também com muita saudade de todos.

Olavo mesmo sabendo que tinham conhecimento, achou melhor justificar o motivo de sua presença ali, disse: — Vocês devem estar sabendo, os motivos por que fui embora, estava sofrendo muito morando aqui, sabendo que Solange tinha um namorado, com quem pensava em casar. Se seu namoro não tivesse terminado, eu não teria voltado, espero que entendam por que agi daquela maneira, e agora estou aqui.

Sr. Guilherme deu seu parecer: — Quando fiquei sabendo do acontecido, achei que você procedeu como um homem de verdade, por isso fi-

camos felizes quando Solange disse, que estavam se entendendo, e fazemos gosto que se entendam de verdade, a melhor coisa para os pais, é ver os filhos bem casados e felizes.

— Obrigado Sr. Guilherme. No que depender de mim, farei tudo para que seja assim.

Dona Josefina disse: — Agora vamos deixar que fiquem sozinhos, devem ter muitas coisas para conversarem.

Solange disse: — Esperem um pouco, quero ver, e mostrar a vocês, o presente que Olavo me trouxe.

Solange abriu o embrulho, encontrou uma linda blusa de lã, imediatamente a experimentou, vestiu perfeitamente, como estivesse sido feita sob medida. Emocionada disse: — Muito obrigado Olavo, agora terei uma boa blusa, por muito tempo.

Depois todos saíram, deixando somente os dois na sala.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 03/07/2026.

CASAMENTOS À VISTA

Olavo estava tão apaixonado por Solange, que lhe fez uma proposta, de certa forma ousada e precipitada, propôs que ela o acompanhasse, quando voltasse para São Paulo. Solange descartou a menor possibilidade, dizendo que não sairia da casa dos pais, assim subitamente, que as coisas deveriam ser planejadas, e só deveria acontecer no momento certo, primeiro teriam que se casarem, com o consentimento dos pais, aí sim poderia se mudar com ele.

Olavo ficou contrariado, duvidando que ela gostasse dele, para justificar, usou o exemplo da

irmã Luzia, que fugiu com Otacilio demonstrando que o amava, acima de tudo e de todos. Solange defendeu-se dizendo que as situações eram diferentes, Luzia só fugiu por que os pais não permitiram seu namoro, e seu casamento, que não era o caso deles.

Então Olavo para pressiona-la, disse que só poderia voltar nas próximas férias, nesse caso teriam que esperar pelo próximo ano. Solange disse que por ela estava tudo bem, o esperaria pelo tempo que ele quisesse, sem nenhum problema, que tinha apenas dezessete anos. Para o desespero de Olavo, que aventou a possibilidade de abandonar seu emprego e voltar para casa dos pais, para ficar perto dela.

Solange uma menina da roça, com apenas dezessete anos, apesar de ser ingênua e inexperiente, demonstrava ser bem mais adulta que ele, que tinha quase vinte e um anos, disse:

— Quando começamos namorar por correspondência, praticamente não nos conhecíamos, tive a impressão que era um rapaz adulto. O que está querendo fazer, demonstra que estava enganada a seu respeito. Não quero que volte para casa de seus pais, por minha causa, destruindo seus sonhos e sua

felicidade. Não estou desesperada para me casar, prefiro terminar tudo agora, a começarmos uma relação de maneira errada. Quero entrar em sua vida para ser feliz, e fazê-lo também feliz, e para isso as coisas têm que serem realizadas corretamente, pense nisso, depois você me diz o que decidiu.

Levantou-se da cadeira, foi para seu quarto, deixando-o sozinho na sala. Olavo também se levantou e foi para casa. Quando chegou sua mãe percebeu que estava contrariado, foi conversar para saber o que havia acontecido, explicou a mãe a recusa de Solange a sua proposta. Dona Ana demonstrando ser uma mulher sensata, disse ao filho que Solange estava com razão, não aceitando sua proposta, o casamento é uma decisão muito séria, não pode ser encarado como uma brincadeira ou uma simples aventura.

Mais contrariado ficou Olavo, sabia que o pai também não aprovaria, muito menos os pais de Solange, começou refletir no que a mãe disse, realmente fora uma péssima decisão fazer aquela proposta, apesar de suas intenções serem as melhores possíveis, por que pretendia se casar, assim que

chegassem a São Paulo. Queria provar para Solange que a amava, e estava disposto fazer qualquer coisa para tê-la consigo. Mas foi mal interpretado, teria que reconhecer que precipitou, e pensar numa solução que o redimisse perante a namorada, antes que ela dissesse aos pais, o que certamente denigriria sua imagem perante eles.

Isolou-se arrependido, chateado consigo mesmo, começou pensar em uma solução. Lembrou-se do caso de um colega de trabalho, que conseguiu junto a administração da indústria que trabalhavam, uma semana de afastamento, para ir casar-se em uma cidade distante, e trazer a esposa para São Paulo, se havia esse precedente, certamente também teria esse direito. Pensou melhor, essa seria a solução, voltaria a casa de Sr. Guilherme, marcaria o casamento para o mês de dezembro, mais precisamente para a semana do Natal. Mas antes deliberou ouvir a opinião de sua mãe. Como estavam no mês de setembro, seria um prazo confortável para todas as providências. Depois de ouvir os argumentos do filho, Dona Ana disse que assim ficaria melhor, Solange haveria de concordar.

Naquele mesmo sábado depois do jantar, Olavo voltou a casa de Sr. Guilherme, Solange o recebeu meio constrangida, devido ao desentendimento acontecido. Olavo retificou sua proposta, propondo que voltaria no mês de dezembro, então se casariam. Justificando que fizera aquele convite, para provar o quanto à amava, que agora seria ainda mais difícil viver distante dela.

Solange aceitou a nova proposta, desde que seus pais também concordassem. Olavo disse a ela que comunicaria a seus pais ainda naquela noite, e no dia seguinte falaria com os pais dela. E dessa forma restabeleceram as pazes entre eles. Não obstante terem chegado a um acordo, ficou patente que Solange era uma jovem determinada, e não deixaria ser comandada facilmente por Olavo, mas seria uma mulher assim que ele necessitava, por ter sempre demonstrado ser inseguro, frágil e melindroso.

Ao chegar de volta a casa dos pais encontrou e conheceu Genésio, que estava visitando Zenilda. Aproveitou a família reunida, comunicou o que acabara de combinar com Solange. Sr. Pedro aprovou sua decisão, porém esclareceu:

— Como já disse a você mais cedo, tanto minha situação financeira, como a de Sr. Guilherme são extremamente críticas, devido ao café encalhado na tulha. De minha parte não estou em condições de arcar com nenhuma despesa extra, a não ser que consigamos vender, ao menos parte de nosso café.

— Não se preocupe meu pai, conversei com Solange, não pretendemos fazer nenhum tipo de confraternização, e todas as despesas do casamento, correrão por minha conta, depois do casamento no civil e religioso, que deverá acontecer na quarta-feira, véspera do Natal, na sexta-feira vamos embora, cuidar de nossas coisas, na segunda-feira tenho que estar no trabalho.

Genésio e Zenilda estavam presentes, ouviram o comunicado de Olavo, então começaram cogitar a possibilidade, em aproveitar a oportunidade e também se casarem, combinaram que no domingo, levariam a intenção deles, ao conhecimento de Sr. Pedro e Dona Ana, eles não teriam como não aprovar, era um casamento assim que desejavam, rápido e bem econômico.

No dia seguinte quando Genésio chegou à casa da namorada, Olavo já havia saído para falar com os pais de Solange, aproximaram de Sr. Pedro, Genésio começou dizendo:

— Sr. Pedro ontem à noite eu e Zenilda, estivemos conversando em aproveitar o casamento de Olavo com Solange, e também nos casar, assim se resolvem dois problemas de uma só vez, sem ser preciso gastar nada.

Sr. Pedro ficou olhando para os dois, depois falou: — Mas por que vocês estão com tanta pressa para se casar?

— Assim como Olavo quer se casar, nós também queremos, já havíamos falado para o Senhor, que pretendíamos nos casar ainda esse ano.

— Depois que Olavo for embora, eu e Dona Ana iremos até a casa de seus pais, para tratar desse assunto, vamos fazer as coisas com calma, vocês estão juntos praticamente todos os dias.

Enquanto na casa vizinha, Solange muito discreta não disse nada aos pais, sobre o desejo de Olavo querer leva-la com ele. Agora Olavo e Solange compareciam a frente de Sr. Guilherme e Dona

Josefina, para apresentar seu plano definitivo para o casamento, nos moldes que já conhecemos.

Sr. Guilherme entendeu a pressa de Olavo, sendo ele um empregado em uma Indústria de Calçados, não poderia estar viajando sempre para visitar a namorada, se os dois queriam se casar, não seria ele que iria impedir, por considera-lo merecedor de sua confiança, portanto tinha sua aprovação, por ser quem ele era, e por ser filho de seu patrão.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 04/07/2026.

AS FÉRIAS DE OLAVO

Quando Olavo retornou a casa dos pais, foi abordado por Genésio e Zenilda, pediram para que advogasse em favor deles, e convencesse a seu pai permitir, que se casassem no mesmo dia de seu casamento. Olavo estranhou o pedido, então perguntou:

— Papai não quer que vocês se casem?

— Não é isso, não quer que casemos no mesmo dia de seu casamento.

— Por que estão com tanta pressa para se casarem, estou me casando assim rapidamente, por que moro longe, não posso estar vindo aqui sempre para ver Solange. Mas vocês moram praticamente juntos.

Zenilda aproximou-se do irmão, disse: — Vamos te contar um segredo, papai e mamãe não podem saber, é que descobri que estou grávida. Se casássemos no final do ano, ninguém perceberia, se demorarmos muito, logo minha barriga vai aparecer.

— Então o caso é muito sério. Como puderam fazer isso?

— Fazendo, e aconteceu.

— E como pretendem começar vossas vidas de casados, estando Zenilda grávida, já pensaram onde vão morar, como vai sustentar sua família?

Genésio abaixou a cabeça, e disse: — Estamos pensando depois do casamento, em nos mudar para São Paulo, e queríamos pedir para que você nos ajudasse no início, até que consigamos nos virar sozinhos. Assim que conseguir um trabalho, não precisará mais nos ajudar.

— Rapaz, você está me pedindo uma coisa, que não sei se terei condições, ainda mais agora que vou começar minha vida de casado, não sei o que Solange pode pensar sobre isso. Vamos fazer assim, primeiro vou tentar convencer papai, depois pensamos no que fazer.

— Obrigado meu cunhado, sabia que podia contar com você, Deus vai lhe compensar por tudo que está fazendo por nós.

A hora do almoço Sr. Pedro, perguntou ao filho, como Sr. Guilherme reagiu ao saber, que iriam se casar no final do ano, Olavo respondeu: — Ele aceitou normalmente, reconheceu ser difícil eu vir visitar Solange, trabalhando como empregado.

Dona Ana, fez um comentário, nesses termos: — Eles vão sentir muito quando Solange for embora, ela ajuda muito os pais, até nós vamos sentir sua falta, ela é muito prestativa e tem um bom coração.

Depois do almoço Olavo se viu na obrigação de conversar com o pai, sobre o casamento de Genésio e Zenilda, teria que usar um argumento convincente, afinal a irmã estava grávida, e o casamento deles seria a solução mais honrosa naquele momento. Aproximou do pai, e falou sem rodeios: — Genésio e Zenilda me disseram que falaram com o Senhor, que gostariam de casar, na mesma data de meu casamento, mas o Senhor não concordou. Eles estão contrariados, não seria melhor que eles se casassem logo, e resolvessem a situação, antes que aconteça,

deles fugirem, ou dela se perder ou engravidar. Me disseram que assim que se casarem, estão pensando em mudar para São Paulo, prometi a eles se o Senhor concordar com o casamento deles no mesmo dia, eu pagaria todas as despesas. Converse com Sr. Casimiro, e decidam isso logo.

Sr. Pedro ouviu os argumentos de Olavo, estava calado pensativo, entendeu que tinha fundamento, às vezes os dois trabalhavam sozinhos no cafezal, se quisessem fazer o que falou, fariam com toda liberdade, essas coisas aconteciam. Então disse: — Você não deixa de ter razão, a melhor coisa a fazer, é resolver esse problema logo.

Depois dessa breve conversa, foi até onde Genésio e Zenilda namoravam, disse discretamente: — Ele vai consentir.

Genésio agradeceu, dizendo: — Obrigado cunhado, sabia que conseguiria.

Logo chegou Solange, estava muito bonita, usando seu velho e lindo vestido florido, foi direto à cozinha cumprimentar Dona Ana, depois acompanhada de Olavo, foram se sentar em um banco de madeira, sob uma árvore frondosa, à frente da casa.

Na segunda-feira, Solange levantou cedo como fazia todos os dias, e acompanhou o pai os irmãos ao trabalho no cafezal. Quando Olavo se levantou, seu pai, Zenilda e Nelson, também já tinham ido trabalhar. Enquanto tomava o café, disse a mãe que iria até a casa de Solange. A mãe brincou com ele, perguntando se iria conversar com Dona Josefina, por que viu Solange ir para o trabalho no cafezal bem cedo. Olavo ficou chateado, pensando consigo mesmo “Solange não deveria ir trabalhar, sabendo que estou aqui”.

Aproveitou o tempo e a privacidade, para conversar com a mãe, colocando-a a par, do que pretendia fazer, assim que chegasse a São Paulo, até o dia que voltaria para se casar. Omitindo a mãe, a informação que Genésio e Zenilda, pensavam também em se mudarem, Dona Ana achava que tanto a filha, como Genésio, não estavam preparados para se casarem, por serem imaturos e inconsequentes. Sem saber ela que a filha já estava grávida.

Sem ter o que fazer, Olavo resolveu ir até a casa de Sr. Natal, pai de Adalberto, atendendo a um pedido seu, apesar de ultimamente não estarem se entendendo muito bem, devido suas críticas, desde que

Olavo deliberou que namoraria Solange, e pretendia se casar. Senhor Natal e sua esposa, o receberam muito bem, e logo quiseram saber notícias do filho. Olavo se limitou a dizer, que estava tudo bem com ele, Sr. Natal disse estar muito decepcionado com Adalberto, desde que se mudou a mais de um ano, receberam dele apenas uma única carta. Enquanto eles enviaram cinco cartas, e não obtiveram respostas.

Sr. Natal quis saber se o filho tinha feito algum progresso, Olavo eximiu-se de dizer o que sabia, preferiu dizer, que Adalberto não gostava comentar sobre esse assunto, sabendo disso, evitava perguntar qualquer coisa nesse sentido. Mas estava ganhando bem, por que trabalhava muito, fazendo horas extras, por isso costumava chegar à casa sempre tarde da noite.

Com simplicidade Sr. Natal comentou: — Em sua carta nos disse, que estava muito contente morando lá, que estava ganhando muito dinheiro, que não sentia nenhuma saudade daqui. Como na época possuía algumas dívidas, que precisavam ser pagas, pedi a ele que me emprestasse um pouco de dinheiro, logo que pudesse o pagaria, até hoje não obtive resposta.

Para mudar de assunto Olavo comentou: — Falando em dinheiro, meu pai como seus dois colonos, Sr. Guilherme e Sr. Casimiro estão muito desanimados, não conseguiram vender o café que colheram, nem sabem se conseguirão vender.

— Meu cafezal é pequeno, sabendo que o governo não iria mais comprar café, não me dei ao trabalho de realizar a colheita, colhi apenas para nosso gasto. Mas quero que fale para o Adalberto, que já paguei minhas dívidas, que não mais preciso de seu dinheiro, que só vamos escrever a ele, quando nos escrever, e que faça como você fez, que venha nos visitar, que ainda somos seus pais.

— Pode deixar que vou dar o recado a ele, agora vou embora, quero levar o almoço para meu pai e meus irmãos no cafezal, um bom dia ao Senhor e sua esposa.

— Obrigado pela visita, um bom dia para você também.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 06/07/2026.



O DUPLO IDÍLIO

Faz-se oportuno esclarecer, o que Olavo tinha conhecimento, que Adalberto em todo esse período trabalhando em São Paulo, não havia economizado nenhum dinheiro, mas recusou comentar com seus pais. Não obstante ser muito trabalhador, Adalberto se desdobrava fazendo horas extras, na Indústria de calçados, onde os dois trabalhavam, durante todos os dias úteis da semana, mas havia feito algumas amizades suspeitas, nos últimos tempos, todos os sábado à tarde, quando saía do trabalho, ia para casa desses seus amigos, e só aparecia no domingo à noite, não dizia onde estava, nem o que esteve fazendo esse tempo todo, acontecia vez

ou outra, pedir emprestado pequenas quantias em dinheiro, para comprar cigarros, ou dizer não ter dinheiro para pagar sua parte do aluguel do quarto, obrigando Olavo pagar sozinho, e nunca se lembrava que devia a ele, por essa razão não queria que Olavo se casasse, para não se mudar e deixa-lo sozinho.

Mas Olavo já o tinha prevenido, assim que chegasse das férias, iria alugar uma pequena casa no bairro, e começar mobilha-la, assim que comprasse os móveis necessários, iria buscar Solange, esse era seu plano, a não ser que acontecesse algum imprevisto.

Adalberto para contraria-lo, disse: — Quando chegar lá, vai encontrar essa sua pretendida, junto com seu ex-namorado, escute o que estou lhe dizendo.

Olavo respondeu irritado: — Se isso acontecer, eu volto no mesmo dia, chego aqui e vou procurar um lugar para morar sozinho, é melhor que morar com um falso amigo.

Como dissemos, o relacionamento dos dois havia deteriorado ao ponto, de evitarem se falar, para não brigarem.

Como Solange ia ajudar o pai e os irmãos todos os dias, Olavo depois do jantar, ia a casa de Sr.

Guilherme, para namorar Solange. E nesses encontros não tinham nenhum momento de privacidade com ela, sempre tinha alguém na sala, junto deles. Tinham que conversar em voz baixa, para que não ouvissem. Como as coisas não estavam acontecendo como gostaria, aquela rotina acabou estressando Olavo, antes de terminar seu período de férias, voltou para São Paulo, para fazer o que havia planejado.

A primeira coisa que fez quando chegou, foi procurar por uma casa no mesmo bairro, por ficar próximo ao seu local de trabalho, e da escola que frequentava à noite, porque pretendia continuar estudando. No mesmo dia encontrou o imóvel que atendia suas necessidades, já prevendo que Genésio e Zenilda, morassem com eles por algum tempo. Olavo havia cogitado essa possibilidade com Solange, que disse que por ela estava tudo bem, gostava deles e seria muito bom poder ajuda-los, como disse Dona Ana, Solange era muito prestativa e tinha um bom coração.

Em seguida procurou o dono do imóvel do quarto que alugavam, pagou pelo mês, e disse que estaria se mudando, que os próximos meses teria de receber de Adalberto, o proprietário aceitou a con-

dição. Olavo providenciou a transferência imediata de seus pertences. E dessa forma desvinculou-se da companhia do colega intrometido.

O tempo transcorreu rapidamente, em pouco tempo Olavo havia comprado os móveis essenciais, tudo muito simples, mas de boa qualidade. Assim que retornou ao trabalho, pleiteou preventivamente, junto a administração da Indústria em que trabalhava, afastamento do trabalho para semana do Natal, pelo motivo de seu casamento. O que foi deferido, em caráter remunerado, por estar previsto nas normas trabalhistas da empresa.

Transcorrido o prazo, Olavo retorna ao interior para consumir seu casamento, agendado para a véspera do Natal. Encontrou sua família, a família de Solange, e a família de Genésio, preparadas para o evento. Em sua ausência deliberaram sem avisá-lo, que fariam uma confraternização das três famílias na casa de Sr. Pedro, à tarde e à noite da quarta-feira, dia 24 de dezembro. Fora uma promessa feita por Sr. Pedro, caso conseguissem vender o café da tulha, fariam uma festa em família, para comemorar as uniões dos filhos. Como todos conseguiram ven-

der o café colhido aquele ano, por um bom preço, haveriam agora de cumprir o prometido.

Os dois casamentos foram realizados ao mesmo tempo, no civil, depois no religioso, apesar de estar presentes somente os integrantes das três famílias, o contingente era bem numeroso, por ter comparecido todos os filhos casados, exceto Domingos e Luzia. Sr. Pedro e Dona Ana, estavam muito felizes, afinal dois de seus filhos estavam casando, para formarem suas famílias, essa sempre foi a ordem natural das coisas. Agora restariam apenas três dos sete filhos, Nelson com doze anos, Basílio e Izabel com dez anos.

Genésio e Zenilda haviam decidido, iriam mesmo tentar a vida na Capital, os pais do casal discutiram o assunto, resolveram que não iriam interferir, Sr. Casimiro daria uma quantia em dinheiro ao filho, para começarem, Sr. Pedro comprometeu-se dar a mesma quantia à filha, e fosse como Deus quisesse. Até aquele momento a gravidez de Zenilda, era um segredo conhecido somente pelo marido e pelo irmão Olavo.

O jantar fora muito bem organizado, com muitas comidas e bebidas, num clima de alegria, sem nenhum

incidente que viesse tirar a paz do evento. A festa continuou no dia de Natal, com a presença de todos na casa de Sr. Pedro. Como havia previsto Olavo, que iriam embora na sexta-feira pela manhã. Nas despedidas houveram muitas lágrimas, dos seis pais e dos quatro filhos, mas o que era de se fazer, teriam que ir embora, lá fora o mundo os esperavam, Deus haveria de permitir, que tudo descesse certo, porque esse era o desejo de todos.

Era a primeira vez que Genésio, Zenilda e Solange, viajavam de trem, Zenilda logo sentiu enjoos e vomitou pela janela do vagão de passageiros do trem, então Olavo quebrou seu silêncio, contou a esposa em caráter de segredo, que a irmã estava grávida. Solange ficou surpresa e pensativa, perguntou ao marido: — Como Zenilda pode estar grávida, se acabaram de casar?

Olavo explicou: — Casaram justamente por ela estar grávida.

Só então Solange entendeu, como aquilo era possível.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 07/07/2026.

A VIDA NA CIDADE

Depois da longa viagem de trem, de Zenilda ter vomitado algumas vezes pela janela do vagão que viajavam, chegaram ao destino eram onze horas da noite, Olavo alugou um automóvel para chegar em casa mais rápido, devido às bagagens e Zenilda se encontrar debilitada, tudo que ingeriu durante a viagem vomitou, estava pálida e fraca. Chegaram todos cansados, tomaram banho e foram dormir. A casa tinha apenas dois dormitórios, no quarto principal, uma cama de casal, no outro duas camas de solteiros.

No dia seguinte todos levantaram bem cedo, Zenilda estava recuperada, apenas o som monótono das

rodas do trem nos trilhos, martelavam em sua cabeça, como se ainda estivessem à bordo. Solange disse a ela que foi dormir com essa mesma sensação, mas desapareceram enquanto dormia, não ouvia mais nada. Depois do café as duas começaram fazer uma faxina na pequena casa, enquanto Olavo conversava com Genésio, dizendo que na Indústria de calçados onde trabalhava, estavam sempre admitindo novos funcionários, se informaria direito, caso existisse alguma vaga o indicaria, que na segunda-feira, começasse tirar os documentos seus e de Zenilda, que certamente iriam precisar, Zenilda também queria encontrar um trabalho. E dessa forma os dois casais começavam suas novas vidas, como todos eram jovens, certamente muito fácil se adaptariam.

Infelizmente a Empresa que Olavo trabalhava, naquele momento não estava contratando, quem sabe no início do ano. Genésio foi a luta sozinho, rapidamente descobriu uma Indústria de Tecidos, essa tecelagem necessitava de vários funcionários, voltou à casa, conversou com Zenilda e Solange, as duas se interessaram, foram até lá e se inscreveram, em seguida deram entrada nos pedidos dos docu-

mentos, assim que providenciados, começariam trabalhar. Olavo à princípio não queria que Solange trabalhasse, mas ela acabou por convence-lo, logo todos estavam trabalhando.

Assim que Adalberto ficou sabendo que Olavo havia trazido a esposa, resolveu fazer uma visita à casa do colega, em um domingo pela manhã, com o propósito de conhecer Solange. Olavo o recebeu normalmente, apresentou-lhe Solange, Zenilda e Genésio, depois lhe ofereceu uma xícara de café, ele aceitou, Olavo buscou o café, ele tomou. Depois os dois ficaram sozinhos na sala conversando, Adalberto teria se referido a Solange, em termo de malícia, mais ou menos assim: — Você não me disse, que sua namorada era bonita assim. Olavo não gostou nenhum pouco, do modo que se referiu a sua esposa, então disse:

— Não lhe disse por entende que isso não era de sua conta, se fosse meu amigo de verdade, tinha me dado força quando precisei de apoio, entendi que não se deve confiar em um falso amigo. Depois de tudo que aconteceu com a gente, e pelo motivo que foi demitido da Indústria de Calçados. Estou

sabendo que está em débito, com o proprietário do prédio onde mora. Quando vim com você para São Paulo, imaginava que fosse uma outra pessoa. Sei que é mais velho que eu, e nunca ouviu os meus conselhos, mas se não mudar suas amizades e sua vida, vai ter sérios problemas no futuro.

Depois que se foram, a casa de Sr. Pedro ficou mais desolada, as ausências de Zenilda e Genésio faziam muita falta, Sr. Pedro queria levar Basílio e Izabel para o cafezal. Dona Ana não permitiu, não abria mão de Izabel, ela a ajudava e era sua companhia, a partir de então, Basílio com dez anos de idade passou acompanhar o pai e o irmão aos trabalhos no cafezal.

Passados dois meses, Sr. Pedro trouxe uma carta do povoado mais próximo, onde costumava ir conhecido como Vila Rosa, fundada em maio de 1926, que mais tarde receberia o nome de Poloni, esse nome fora dado em homenagem ao seu fundador, o fazendeiro Sr. Cândido Poloni. Com a ausência de Solange, para ler a carta, Sr. Pedro foi até a casa de um vizinho um pouco distante, chamado Sr. Eugênio Moraes, por ouvir dizer que sua filha Inês, sabia muito bem ler e escrever, explicou a Sr. Eugênio o motivo

de sua visita, prontamente se dispôs levar a filha até sua casa no final da tarde daquele dia, para ler a carta dos filhos. Sr. Pedro retornou feliz, e foi trabalhar com os dois filhos no cafezal.

Durante o dia Dona Ana foi até a casa de Dona Josefina, avisar que haviam recebido uma carta de Olavo, que fossem a sua casa ao entardecer, que uma moça da vizinhança viria ler para eles, saberem as notícias dos filhos, pela primeira vez depois que se foram, Dona Josefina se emocionou, logo as duas tinham lágrimas nos olhos. Quando Sr. Eugênio chegou com sua charrete, trazendo a filha, todos esperavam por eles. Inês era uma jovem muito bonita, deveria ter a mesma idade de Solange, depois de cumprimentarem a todos, foram convidados a entrar na sala espaçosa, Dona Ana passou a suas mãos a carta de Olavo, que fora escrita por Solange, a carta dizia, mais ou menos assim:

Queridos pais, Pedro e Ana, Guilherme e Josefina, Casimiro e Darci.

Em primeiro lugar esperamos que aí estejam todos bem. Porque aqui todos estamos muito

bem, escrevemos para mandar nossas notícias, e contar o que aconteceu depois que chegamos aqui. Queria dizer a mamãe e ao papai, que apesar da saudade, estou gostando muito morar aqui, eu e Olavo estamos combinando muito bem, para não se preocuparem.

Nossa viagem no trem, apesar de muito demorada, correu tudo bem, apenas Zenilda sentiu muito enjoo, e vomitou algumas vezes, achamos estranho só ela ter passado mal, depois descobrimos que foi devido sua gravidez. Isso mesmo, daqui uns tempos terão mais um neto. Mas agora ela e o bebê, estão muito bem. Genésio está pedindo para avisar seus pais.

Logo que chegamos, Genésio saiu para procurar emprego, encontrou uma fábrica de tecidos, com várias vagas de trabalho, eu, Zenilda e ele, fomos até lá e nos inscrevemos, assim que nossos documentos ficaram prontos, começamos trabalhar, estamos também ganhando nosso dinheiro. Olavo no começo não queria deixar que eu trabalhasse, mas depois acabou concordando. E estamos adorando, o trabalho é leve e estamos fazendo muitas amizades.

Como Olavo quis continuar estudando, nós três também resolvemos ir à escola à noite, Genésio é quem está tendo mais dificuldade, mas não vamos deixar que desista.

Genésio e Zenilda moraram com a gente pouco mais de um mês, depois alugaram uma casinha aqui perto, com o dinheiro que ganharam dos pais, compraram os móveis mais necessários, e estão muito felizes, a barriga de Zenilda está começando aparecer, Genésio diz que vai ser um menino, e está muito contente, já disse que eu e Olavo seremos seus padrinhos de batismo.

Quando nos escrever, observem o endereço, não é mais o anterior, é da casa onde moramos, todos estamos mandando abraços e beijos para todos, fiquem todos com Deus.

Olavo e Solange, Genésio e Zenilda

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 08/07/2026.



AS COINCIDÊNCIAS DA VIDA

Sr. Pedro e Dona Ana ficaram admirados, com a facilidade e a clareza como Inês leu a carta, não disseram nada, porque os pais de Solange estavam presentes, mas Inês sem comparação lia melhor que Solange, pelo fato de ter estudo mais, Sr. Pedro disse: — A menina lê tão bem e rápido, que não entendi muito bem, poderia ler novamente mais compassado?

— Posso ler quantas vezes o Senhor quiser, o Senhor entendeu que logo vai ser avô?

— Pois é, essa parte não entendi direito, leia novamente e me explique.

Quando leu a parte que dizia que Zenilda estava grávida, parou e explicou: — Solange sua nora, está dizendo na carta, que Zenilda sentiu enjoos quando viajava no trem, depois descobriram que os enjoos aconteceram por que estava grávida.

Sr. Pedro comentou: — Meu filho Olavo me alertou, que isso poderia acontecer, e não é que aconteceu?

Dona Ana desabafou: — Eu nunca confiei naquele moleque chamado Genésio, e muito menos naquela minha filha sem vergonha, chamada Zenilda.

Dona Josefina obtemperou: — Essas coisas acontecem, Dona Ana, o mais importante é que agora estão casados.

Dona Ana, retrucou: — A Senhora fala assim por que não é sua filha, se fosse Solange, a Senhora não estaria brava com ela e com Olavo?

— A Senhora tem razão, eu estaria muito brava com os dois.

Encerrada a discussão Inês continuou lendo pausadamente, e explicando minuciosamente, até o final, não houve mais nenhuma contrariedade,

todos estavam felizes e satisfeito, fora uma carta muito bem lida, e muito bem explicada, todos entenderam tudo.

Terminada a leitura Sr. Pedro explicou: — Antes quem lia e escrevia as cartas para nós, era Solange, agora ela se casou e foi embora, a moça poderia responder pelo menos essa carta, a gente poderia ir a vossa casa, no dia que estiver desocupada?

— Vamos fazer assim, no próximo domingo pela manhã, vou encilhar meu cavalo, e venho até aqui, para escrever o que gostariam de dizer a eles, estou mesmo precisando cavalgar um pouco.

Dona Ana, mais calma agora, disse a ela: — Seria uma caridade de vossa parte, depois fique para almoçar com a gente.

— Obrigado Dona Ana, o almoço fica para uma outra vez.

Como estava quase anoitecendo, Sr. Eugênio Moraes e a filha Inês se despediram, montaram a charrete e foram embora. Sr. Eugênio Moraes, era um dos sitiantes mais abastados daquela comunidade, já fizemos referência a ele, quando dissemos que

foi o primeiro a possuir um aparelho de rádio, onde algumas pessoas iam, para ouvir as notícias da guerra e outros acontecimentos.

E o tempo fora passando célere, daquela data adiante, Inês passou ser uma espécie de secretária voluntária, daquelas famílias, quando se tratava de correspondências. Sempre vinha sozinha, montada em seu lindo cavalo negro, que ganhara do pai. Um dia depois de ler uma carta, Inês perguntou a Izabel, se gostaria aprender ler e escrever, Izabel respondeu que era seu maior desejo, então ela propôs ensiná-la, bastava ir a sua casa todas as manhãs, ela a ensinaria. O que acabou acontecendo.

Na Capital, Genésio e Zenilda já tinham um casal de filhos, sendo menino o mais velho que se chamava Carlos, e menina a caçula chamada Anita, em homenagem a avó Dona Ana. Olavo continuava trabalhando na mesma Indústria de calçados, Solange havia saído da tecelagem depois do nascimento de Vitória. Genésio depois de fazer um curso de torneiro mecânico, deixou a tecelagem para trabalhar em uma oficina mecânica muito conceituada, Zenilda com duas crianças, também havia deixado a

tecelagem, quando nasceu o primeiro filho, cuidava da casa e das crianças. Haviam se passados mais de cinco anos, Olavo vinha cumprindo rigorosamente o que prometera ao pai, todos os anos, sempre ao final do ano visitavam as famílias, do pai e do sogro.

Em uma manhã, Solange e Zenilda foram juntas, levarem os filhos até um posto de saúde, do bairro onde moravam, para vacinar as crianças. Estavam sentadas em cadeiras na sala de espera, quando Zenilda viu entrar uma mulher, muita bem vestida, acompanhadas por dois meninos, passou por elas sem perceber-las, mas Zenilda reconheceu, disse emocionada a Solange, apontando: — Aque-la mulher com aqueles dois meninos é minha irmã Luzia.

Solange que não chegou conhece-la, perguntou admirada: — Você tem certeza Zenilda?

— Está muito diferente, mas tenho quase certeza que é Luzia.

— Vai até ela e pergunte. Sugeriu Solange.

— Não tenho coragem, você faria isso por mim, eu cuido de Vitória.

— O que eu digo a ela?

— Pergunte seu nome.

Solange levantou-se foi até onde estava a Senhora, perguntou: — Por favor, qual é seu nome?

— Meu nome é Luzia Garcia Medeiros, por que está perguntando?

— Meu nome é Solange Antunes Garcia, por favor, venha até aqui comigo, quero que veja uma pessoa.

Assim que Luzia olhou para Zenilda, as duas se reconheceram imediatamente, Luzia falou: — Você é Zenilda minha irmã.

Zenilda disse: — E você é minha irmã Luzia.

As duas chorando se abraçaram, São Paulo àquela época, já era uma grande cidade com centenas de milhares de habitantes, e centenas de bairros residenciais, o encontro casual entre pessoas que se conhecem, não é um acontecimento comum, diria muito raro, mas aconteceu de as duas irmãs, depois de dez anos se reencontrarem.

Depois de abraçarem as crianças, Luzia sentou ao lado da irmã, perguntou o que estava fazendo ali, então Zenilda explicou como vieram parar em São Paulo. Luzia com lágrimas nos olhos, perguntou pelos pais, Zenilda e Solange a colocaram a par de

tudo, Sr. Pedro, Dona Ana e os três filhos mais novos, Nelson com dezoito anos, Basílio e Izabel com dezesseis anos, continuavam lá no mesmo sítio, em Vila Poloni.

Depois foi a vez de Zenilda perguntar, o que lhe aconteceu nesses quase dez anos. Luzia disse: — Se fosse dizer tudo que me aconteceu desde que sai da casa de nossos pais, ficaríamos aqui muitas horas conversando e não diria tudo, mas agora que nos encontramos, teremos muito tempo, você vai saber pelo que passei.

— E Otacilio, onde está?

— Essa informação só Deus sabe, e eu não quero nunca mais saber.

— Vocês se separaram?

— Zenilda, de todas as coisas erradas que fiz nessa minha vida, conhecer Otacilio foi o maior erro que cometi. Mas agora vamos trocar nossos endereços, depois vou a sua casa, e conto o que aconteceu comigo, vou vacinar meus filhos, tenho que voltar para casa, fiquem com Deus.

Zenilda respondeu chorando: — Deus te acompanhe minha querida irmã.

Quando Olavo chegou do trabalho à tarde, Solange contou a ele, o acontecido no posto de saúde naquela manhã. Olavo ficou comovido, disse a Solange: — Depois do jantar, vamos até a casa de Genésio, quero que Zenilda me fale como ela está e o que conversaram, e pegamos o endereço de Luzia.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 09/07/2026.

MUNDO PEQUENO

A noite, Olavo acompanhado da esposa e da filhinha, foram à casa de Zenilda, que ainda não tinha assimilado, o fato de ter reencontrado Luzia. Depois de conversarem bastante, copiou em um papel o endereço da irmã, que ficava em um outro bairro, porém não muito distante, então combinaram irem todos visita-la, no domingo depois do almoço. Sr. Pedro e Dona Ana consideravam que nunca mais, iriam rever Luzia, Olavo sabia disso, e faria tudo ao seu alcance para proporcionar-lhes essa alegria. O passado era uma

página virada, depois do que aconteceu aos outros filhos, os pais já haviam relevado a desobediência de Luzia, sua presença em sua casa, seria sua redenção, e apagaria para sempre a imagem de filha ingrata, principalmente quando soubessem, o preço que ela pagou pela sua desobediência. Os pais conseguem melhor perdoar que os filhos.

Compete-nos revelar superficialmente o que aconteceu a Luzia, a partir do momento que na companhia de Otacilio, embarcaram em um trem, em uma cidadezinha do interior, com destino a São Paulo. A viagem transcorreu tudo normal. Todos devem se lembrar que Otacilio vendeu os dois cavalos encilhados, que havia se apropriado indebitamente de Sr. Nestor. Como tinha dinheiro no bolso, jantaram no restaurante existente no trem, que servia aos passageiros mais abastados, que ocupava um vagão inteiro da composição. Depois voltaram para seus lugares, e sentados juntos, confienciava a Luzia seus planos mirabolantes para quando chegassem ao destino. Chegaram hospedaram em um quarto de uma pensão, que não chegava ser propriamente um hotel, no bairro Bom Retiro,

na região da Estação da Luz. Levantavam tarde, todos os dias, tomavam o café na cozinha da pensão, depois iam passear pelas adjacências, almoçavam tarde em bons restaurantes, voltavam à pensão dormiam um pouco, depois saía sozinho para procurar trabalho, voltava ao final da tarde tomavam banho, saíam para jantar, essa rotina teria durado uns quinze dias, ele sempre cordial com ela. Em uma tarde Otacilio chegou feliz, disse ter arrumado um emprego, na cidade de Campinas, sem dar maiores detalhes, teriam que fechar a conta na pensão, e viajarem no outro dia pela manhã.

Deixou Luzia no quarto, dizendo que iria fechar a conta na recepção, depois comprar as passagens, para viajarem as seis horas da manhã, pedir ao vigilante para acordá-los as cinco horas. Foi a última vez que Luzia o viu, Otacilio saiu e não mais voltou, Luzia foi até a recepção, perguntou se o marido havia fechado a conta, disseram que não, ela disse que o marido havia saído ao início da noite, já eram onze horas, e não havia retornado. Aconselharam que fosse dormir, Luzia chorou até a madrugada, depois dormiu, o dia amanheceu e

Otacilio não apareceu, deixando-a sem saber onde estava, sem um centavo no bolso.

Quando chegaram a pensão, Otacilio disse que ficariam ao máximo por uma semana, exigiram um adiantamento, ele pagou sem contestar, os dias foram se passando, e o custo da estadia acumulando à medida que o tempo ia passando. Quando perceberam que Otacilio havia aplicado um golpe, como Luzia não possuía nada, exigiram que pagasse a dívida com seu trabalho, a transferiram para a ala dos empregados, disseram que em dois meses, se trabalhasse direito sua dívida estaria quitada, haviam passados seis meses, e não a liberavam. Como não tinha para onde ir, continuava trabalhando em troca do abrigo e da comida.

Até que conheceu Gilberto Medeiros, um vendedor de produtos alimentícios, de uma conceituada Indústria do setor de alimentos. Conversando com ele, explicou sua situação, sensibilizado prometeu ajuda-la, por uma questão de justiça e fraternidade, conversou com Dr. Acácio, um advogado da empresa em que trabalhava, o advogado foi até a pensão, conversou com o proprietário, dizendo se não a liberasse

imediatamente iria processá-lo, sob as acusações de cárcere privado e trabalho escravo, o dono da pensão apavorado recuou, e a liberou na mesma hora, sem ter para onde ir, foi para casa de Gilberto, que morava sozinho em uma cidade próxima a Capital, chamada Diadema, a princípio para trabalhar como sua empregada. Como Gilberto viajava à trabalho, Luzia ficava sozinha a semana toda, ele só aparecia aos finais de semana.

Como os dois começaram ter um caso amoroso, Luzia acabou revelando a ele toda sua fatídica história amorosa, Gilberto disse caso ela quisesse, daria dinheiro a ela para voltar à casa dos pais, Luzia não aceitou, devido estar gostando dele, e à maneira como havia deixado a casa paterna. Ela continuou morando em sua casa, como se fosse um misto de esposa e empregada, embora ele aparecia somente aos finais de semana. Passados dois anos Luzia engravidou, como Gilberto era o pai da criança, e também gostava de Luzia, de comum acordo resolveram se casar discretamente. Com o nascimento do segundo filho, Gilberto vendeu sua casa modesta em Diadema, com algumas economias que possuía,

comprou uma boa casa, em um bairro residencial na Capital, onde moram a seis anos.

Atualmente Gilberto tem trinta e oito anos, exerce um cargo de confiança, dentro da mesma empresa de alimentos, que sempre trabalhou, não viaja mais a serviço, tem vida normal como qualquer trabalhador urbano, vive com a esposa Luzia, que conta agora com vinte sete anos, e os dois filhos, Gustavo com sete anos, e Álvaro com cinco anos. Por algumas vezes Gilberto demonstrou vontade, de viajarem até ao interior para conhecer sua família, mas Luzia não aceitou.

Mais alguns detalhes de sua vida, serão revelados ao decorrer de nossos relatos, assim que se fizerem necessários, pelo fato de Luzia e sua família, de agora em diante voltarem ao cenário de nossa singela história, desempenhando seu papel como integrante da família “Cardoso Garcia”.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 09/07/2026.

UMA TARDE DE ALEGRIA

No domingo depois do almoço, os dois casais com as três crianças, como haviam programado, resolveram fazer a visita surpresa para Luzia, e conhecerem sua casa e seu marido. Seriam duas horas da tarde, quando apertaram a campainha existente no muro frente à casa, consoante o endereço que tinham em mãos. Não demorou, apareceu um Senhor ainda jovem, perguntou o que desejavam.

Olavo perguntou: — É aqui que mora Luzia Garcia Medeiros?

— É sim. Vocês devem ser os irmãos dela?

— Somos sim, desculpa-nos por não avisarmos antes, mas viemos fazer uma breve visita.

— Eu sou Gilberto Medeiros, seu marido, entrem por favor, é um grande prazer recebe-los em nossa casa. Todos o cumprimentaram se identificando.

Assim que Luzia saiu à porta e os viu chegando, correu ao encontro deles, abraçando a todos, e admirou-se de Olavo, um rapazote que não tinha dezoito anos, quando ela saiu de casa, agora um homem feito, pai de família, que tinha uma linda esposa, e uma linda filhinha. Todos entraram e se acomodaram, na enorme sala de visitas. Depois de Olavo explicar, como veio morar na Capital, Gilberto tomou a palavra, e se justificou dizendo:

— Logo depois que nos casamos, meu desejo era conhecer vossa família, mas Luzia não permitiu, dizia que para os pais, ela não mais existia, caso aparecesse lá com outro marido, seus pais se decepcionariam ainda mais com ela. Então acabei desistindo da ideia.

Olavo deu seu parecer sobre o assunto: — Hoje nossos pais mudaram muito, não foi somente

Luzia que os desobedeceram, meu irmão mais velho Domingos, os abandonaram quando preferiu acompanhar a família de seu sogro, quando se mudaram para o Mato Grosso, e nunca mandou nem uma notícia, depois vim para São Paulo, contra a vontade deles, depois Zenilda se casa com Genésio, e decidem também mudarem. Meu pai disse várias vezes, que depois de tudo que aconteceu, entendeu que criamos os filhos para o mundo. Que ele tinha feito o mesmo a seus pais, quando saiu de casa, e aceitava essa condição. Só não queria que os filhos os esquecessem, citava os exemplos do que fizeram Domingos e Luzia, para consola-lo prometi que os visitariam todos os finais de ano, e venho cumprido com meu compromisso, mas ele fala muito que gostaria que todos os filhos fizessem como eu, e sinto que ficam felizes quando os visitamos.

Luzia emocionada com a declaração do irmão, disse: — Quando vocês forem visita-los no final do ano, nós vamos também, quero que conheçam meus dois filhos, não importo se me ofenderem, existem coisas que fazemos, e depois pensamos que cometemos um grande erro, mas se não tivesse er-

rado, não teria conhecido Gilberto, com quem sempre fui muito feliz.

Gilberto obtemperou dizendo: — Como diz o ditado “tem males que vem para o bem”, às vezes penso que nos acontecem, aquilo que tem para acontecer, e não temos como fugir.

Zenilda que estava calada, disse: — Essa semana pretendo mandar uma carta a eles, dizendo que vamos também para o Natal, estava pensando dizer que os encontramos, vocês acham que devo ou não dizer, ou preferem deixar para fazer uma surpresa ao final do ano, que só faltam dois meses?

Luzia olhou para Olavo, e perguntou: — O que você acha meu irmão?

— Acho que de qualquer maneira vão ficar muito felizes, assim como nós ficamos. Como ficaram dez anos sem notícias, dois meses passam rápido, acho mais emocionante fazer uma surpresa, dar esse presente de Natal a eles, vão ficar muito felizes.

Luzia olhou para o marido, e perguntou: — Você concorda com Olavo, meu amor?

— Concordo, mas a decisão é sua.

— Então Zenilda, escreva em sua carta, que nesse Natal vão ter uma surpresa, que espera que gostem.

Genésio falou: — Assim fica melhor, vão ficar imaginando, que outro neto está chegando.

Solange concordou: — É isso mesmo que vão pensar.

Depois Luzia convidou a irmã e cunhada para conhecerem a casa, Gilberto convidou aos cunhados, para tomar uma cerveja na varanda dos fundos, e a conversa se estendeu pela tarde toda, enquanto as cinco crianças, todos primos, brincavam entretidos.

Por esses tempos Olavo e Genésio, já não eram mais inquilinos, ambos haviam comprado suas casas, casas modestas se comparada à de Gilberto, com um detalhe, Gilberto estava trabalhando para si, a muito mais tempo, era dez anos mais velho que seus cunhados, e no momento ganhava bem mais que eles.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 10/07/2026.



A REDENÇÃO DE LUZIA

Como haviam passados alguns anos, algumas mudanças ocorreram no sítio de Sr. Pedro, com os casamentos dos dois filhos de Sr. Guilherme, Sr. Pedro com ajuda deles, construiu mais duas pequenas casas no sítio, e eles continuaram ali morando e trabalhando, Sr. Pedro e Dona Ana tinham a família de Sr. Guilherme, talvez devido Solange ser casada com Olavo, como se fossem parentes, por serem pessoas muito honestas e prestativas.

Outro fato desagradável para Sr. Pedro e Dona Ana, estava em vias de acontecer a qualquer mo-

mento, Nelson com dezoito anos, sempre ajudou o pai no cafezal, mas sabemos que gostava mesmo de lidar com gado e cavalos, tanto que quando tinha alguma folga, vinha ajudar Sr. Nestor, cuidar dos animais. Apareceu a casa de Sr. Nestor para uma breve visita, um seu velho amigo, chamado Sr. Arnaldo, que possuía a alguns anos, uma fazenda de pecuária no Estado de Goiás, ao ver Nelson cuidando com tanto capricho, dos animais do amigo, conversou com ele, e descobriu que seu desejo, seria trabalhar como vaqueiro em uma fazenda, onde houvesse muito gado, e cavalos, Sr. Arnaldo lhe fez uma proposta de trabalho irrecusável. Nelson considerou que não poderia aceitar, devido seu pai, mas ouviu dele e de Sr. Nestor, que deveria trabalhar no que gostava, e pensar em seu futuro, que o pai encontraria uma solução, e estava na hora de parar de trabalhar na lavoura, que poderia dar em parceria o pouco café que cuidava, e viver de renda, de a produção de seu cafezal. Nelson disse que iria pensar, mas sua vontade era ir imediatamente.

Sr. Arnaldo prometeu que voltaria ao início do ano, caso decidisse ir, o levaria para ajudar cuidar de

seu rebanho. A cada dia que passava, Nelson mais se convencia que deveria ir embora, o pai não reconhecia seu trabalho, como se ele não fizesse falta. Deixaria para dar a notícia a eles, quando Sr. Arnaldo o viesse buscar, caso não aparecesse mais, não ficariam sabendo de nada.

Os dias foram passando, Sr. Pedro trouxe do povoado a carta que Zenilda, dissera que enviaria, não deram muita importância, quando mencionou que teriam uma surpresa, naquele Natal. Sr. Pedro e Dona Ana, pensavam que não mais se surpreenderiam com nada, uma vez que a vida e as pessoas nos surpreendem a todo momento.

Não obstante aquela época já existir automóveis, eram raros, e somente pessoas abastadas tinham condições possuir, o normal era viajar nos trens, ou em ônibus rústicos por estradas precárias, mas o trem era mais preferido e utilizado, por ser menos cansativo e mais econômico.

Faltando dois dias para o Natal, conforme haviam combinado, em uma tarde de sol, os três casais com os cinco filhos, embarcaram em São Paulo em um trem de passageiros, com destino ao interior do

Estado. Viajariam a noite toda, e chegariam antes do almoço. Dissemos que a viagem de trem é menos cansativa, pelo fato de os passageiros, poderem levantar e se locomover em seu interior, conversar com outros passageiros, e apreciar a natureza, entre outras coisas.

Assim que chegaram à estação mais próxima, do povoado onde localizava o sítio de Sr. Pedro, desembarcaram, alugaram um automóvel de praça, para concluir a viagem. O carro chegou próximo à casa, todos desceram e retiraram as bagagens, enquanto Gilberto e Olavo pagavam ao condutor, assim que recebeu, se despediu, manobrou o automóvel e retornou, Dona Ana reconheceu ao longe, apenas Olavo e Solange, Genésio e Zenilda, o outro casal não saberia ao certo quem seria. Assim que se aproximaram, Dona Ana reconheceu Luzia, que correu ao seu encontro e a abraçou e beijou seu rosto repetidas vezes. Dona Ana não chegou conhecer Otacilio, quando Luzia saiu de casa, olhou para Gilberto, ele sorriu e a cumprimentou, então perguntou à filha: — Esse é Otacilio Luzia?

— Não mamãe, esse é Gilberto meu marido, e esses são nossos dois filhos.

Gilberto aproximou e a abraçou, depois lhe beijou a testa. Dona Ana no momento ficou sem entender o que significava tudo aquilo, a filha foge de casa com um homem, dez anos depois retorna acompanhada por outro, e diz, esse é meu marido. Os outros filhos também a abraçaram e beijaram seu rosto, Olavo perguntou pelo pai, ela disse que estava trabalhando, enquanto todos caminhavam em direção à casa.

Logo chegaram também Dona Josefina e suas duas noras, Solange depois de abraça-las, apresentou-as a Luzia e Gilberto.

Os motores dos automóveis à época, produziam ruídos muito alto, que poderiam ser ouvidos a quilômetros de distância, devido ao sistema de escape ainda não aperfeiçoados, Sr. Pedro que trabalhava com os dois filhos no cafezal, percebeu pelo ruído que o auto fora até sua casa e retornara, convidou aos filhos para irem almoçar, chegando próximo à casa, viu as marcas dos pneus no caminho. Quando chegaram encontraram a pequena multidão, conversando animadamente, ao vê-lo chegando, os filhos vieram ao seu encon-

tro abraça-lo. Luzia um pouco retraída ficou por último, ao ver a filha, Sr. Pedro experimentou uma sensação muito estranha, não resistiu que as lágrimas brotassem de seus olhos, ela aproximou-se, e pediu: — Posso abraça-lo papai?

Ele não conseguiu responder, apenas abriu os braços e os dois se abraçaram demoradamente, ambos estavam chorando muito, Gilberto aproximou dos dois, Luzia disse: — Esse é Gilberto, meu marido papai, e esses dois são seus netos, meus filhos.

Gilberto o abraçou e disse: — É um grande prazer conhecer o Senhor, meu sogro.

Sr. Pedro que achava que nada mais o surpreenderia na vida, estava literalmente surpreso.

Dona Ana apavorada disse: — Quero dizer que o almoço, vai sair um pouco tarde, Nelson e Basílio peguem dois frangos no terreiro, que vou ferver a água para depena-los.

Imediatamente as filhas vieram ao seu socorro, lhe oferecendo ajuda, Dona Josefina interveio dizendo: — Olavo e Solange vão almoçar lá em casa.

Genésio disse à sogra: — Eu e Zenilda vamos à casa de meus pais, almoçamos, descansamos um

pouco, mais tarde voltamos, não vamos esperar pelo almoço.

Luzia abraçando a mãe disse: — Não se preocupe mãezinha, comemos o que tiver, deixe os frangos para outra hora.

Todos foram dispersando, ficando somente Luzia e Gilberto e os dois meninos. Dona Ana mais aliviada, disse: — Então vamos almoçar, a comida está quente sobre o fogão, temos costela de porco.

Luzia disse aos pais: — Acho que devo algumas explicações a vocês, não devem estar entendendo como aparecemos aqui de repente.

Sr. Pedro disse a filha, com a voz meio embargada: — Deve mesmo, mas vamos almoçar primeiro, depois conta-nos com calma, como esse milagre aconteceu.

Izabel aproximou-se de Luzia e a abraçou com carinho, Luzia a beijou e comentou: — Eu sabia que quando Izabel crescesse, ficaria uma linda moça, você se lembra de mim, meu amor?

— Lembro sim, você gostava de pentear meus cabelos, quando eu pequena, você se lembra?

— Como se fosse hoje.

Sr. Pedro pegou um prato e foi se servir, nas panelas sobre o fogão à lenha, o que foi imitado pelos demais, a comida caseira muito saborosa, arroz, feijão, costela de porco, e milho cozido.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 11/07/2026.

FELIZ REENCONTRO

Depois do almoço sentaram em cadeiras na varanda, Luzia começou narrar aos pais, sua odisseia ao lado de Otacílio, do momento que saiu de casa, cavalgando na escuridão da noite, por caminhos desconhecidos, até quando depois de muito tempo, chegarem a uma vila, que não saberia dizer seu nome, onde o trem parava em uma pequena estação, foi ali que Otacilio vendeu os dois cavalos encilhados, para um Senhor alto e magro, que usava chapéu branco, e parecia ser fazendeiro, e rico, por que retirou o dinheiro

do bolso e entregou a Otacilio, depois montou um dos cavalos e saiu puxando o outro por uma corda. Depois a viagem no trem, até quando chegaram a São Paulo, a hospedagem na pensão, até seu desaparecimento planejado, o calote ao dono da pensão, deixando-a sozinha sem um centavo. Onde foi obrigada trabalhar por seis meses, para pagar a dívida, até que conheceu Gilberto, que a retirou daquela situação, e a levou para Diadema, a gravidez e o casamento.

Depois seu encontro casual com Zenilda e Solange, em um posto de saúde do bairro onde elas moravam. Luzia explicou que naquele dia, primeiro foi ao posto de saúde do bairro onde morava, como as vacinas estavam em falta, orientaram que fosse até aquele posto. Por coincidência, Zenilda a viu passando e a reconheceu, jamais iria imaginar que os irmãos moravam próximos dela, a tanto tempo. São acontecimentos como esse, que nos faz pensar, que quando as coisas têm de acontecer, acontecem.

Gilberto que ouvia as explicações da esposa, fez a seguinte consideração: — Sr. Pedro e Dona Ana, depois que nos casamos, várias vezes convidei Luzia

para vir aqui, queria conhecer vocês. Mas ela nunca aceitou, por vergonha do que fez, e medo que não seríamos bem recebidos. Eu explicava a ela que foi graças à loucura que fez, que foi possível nos conhecermos. Como diz o ditado “há males que acontecem para o nosso próprio bem”.

Luzia com lágrimas nos olhos, concluiu: — Depois que Otacilio me deixou sozinha, fugindo covardemente, fiquei pensando como fui capaz de deixar a casa de meus pais, por uma pessoa que mal conhecia, eu não importava estar sofrendo, trabalhando dia e noite naquela pensão, sem ganhar nada, era como estivesse pagando pelo erro que cometi. Mas Deus teve pena de mim, mandou Gilberto até lá para me salvar.

Sr. Pedro ponderou: — Pelo que fez Otacilio, quando saiu daqui, percebi que não se tratava de boa pessoa, roubar dois cavalos de Sr. Nestor, e as selas que possuía, fora uma atitude de quem não tinha nenhuma consideração pelas pessoas, muitas vezes cheguei pensar que nunca mais a veria. Você teve sorte por ter sido abandonada, poderia ter acontecido coisa pior ao lado dele.

Dona Ana, falou o que pensava, dizendo: — Vamos esquecer o que aconteceu, o importante é que você agora está bem, tem um bom marido, e dois filhos muito saudáveis e bonitos, ficamos felizes que tenham vindo nos visitar, e esperamos que façam sempre assim.

Gilberto disse a eles: — Poderiam também nos visitar, ficaríamos felizes se fossem passar uns dias com a gente, assim conheceriam também, onde moram Olavo e Genésio, que apesar de tê-los conhecido a pouco tempo, percebi que são excelentes pessoas, e vivem muito bem com suas famílias, penso que também, ficariam felizes com vossa visita.

— Não vamos prometer nada, mas quem sabe um dia iremos lá visita-los. Agora só está faltando Domingos, mas ele sabe onde moramos, um dia sei que vai aparecer aqui. Demorou mais entendi, que cada um de meus filhos, têm suas próprias vidas, mas a visita de um filho com sua família, é motivo de muita alegria para os pais. Hoje vejo o quanto fui injusto com meus pais, saí de casa com dezoito anos, hoje tenho cinquenta e cinco anos, nunca voltei para visita-los, acredito que já tenham até falecido, essa dívida sei que vou levar comigo.

Dona Ana desabafou: — O mesmo aconteceu comigo, quando me casei com Pedro, minha mãe já era viúva, saímos pelo mundo, nunca mais a vi, nem aos meus cinco irmãos, quando penso neles às vezes choro de saudade. Acho que até já me esqueceram.

Gilberto se justificou dizendo: — É como Sr. Pedro falou, os filhos têm suas próprias vidas, eu também deixei minha família no Estado de Minas Gerais, mas sempre vou visita-los, sei que estão bem, assim como eles sabem que também estou, no máximo a cada três anos vamos visita-los, mas alguns de meus irmãos não pensam assim, meus pais também reclamam as ausências deles. Para terem uma ideia, somos em nove irmãos.

Naquele momento a família de Sr. Pedro e Dona Ana, estava quase completa, faltando apenas o filho mais velho Domingos, com sua família. Talvez pelo motivo de morar tão distante, mas convenhamos, dez anos longe dos pais é muito tempo, principalmente pelo fato de nunca ter mandado uma única carta, isso os preocupavam e os entristeciam.

Logo chegaram Olavo e Genésio com suas famílias, a casa que era grande, tornara-se pequena

para tanta gente, eram mais seis adultos e cinco crianças, totalizando dezesseis pessoas. Estando agora todos reunidos, Dona Ana deliberou, para que Nelson e Basílio pegassem dois frangos, queria cozinha-los para o jantar, depois de muito tempo, queria tê-los todos reunidos para o jantar.

O sol declinava lentamente em direção ao poente, dentro da casa de Sr. Pedro, um emaranhado de vozes, risos e choros de crianças, impediram que percebessem que uma charrete grande, tracionada por dois cavalos estava chegando. Somente o cachorro que se chamava leão, que estava no quintal da casa de sentinela percebeu, e começou latir acintosamente. Sr. Pedro abriu a porta da sala, e reconheceu, era seu filho mais velho Domingos, chegando com sua família.

Imediatamente correu ao encontro, com lágrimas nos olhos abraçou ao filho, depois a Celina sua nora, e aos quatro netos, sendo dois meninos e duas meninas. Sr. Pedro disse ao filho: — Agora não está faltando mais ninguém, hoje é o dia mais feliz de minha vida.

Domingos só entendeu o que o pai dissera, quando chegou à casa e encontrou aquela multi-

dão de pessoas. Dona Ana já cinquentenária, sentiu seu coração bater descompassado, era muita emoção para um único dia, depois de abraçar ao filho, a nora e aos quatro netos, teve que se sentar em uma cadeira, e tomar um copo de água para controlar-se. Agora sim a família Cardoso Garcia estava completa, Dona Ana sentia imensa vontade de sorrir e chorar ao mesmo tempo, parecia um sonho, ver todos seus filhos agora crescidos, todos juntos novamente, agradecia a Deus por lhe ter concedido a oportunidade de viver esse dia, que nunca imaginou que viveria para ver.

Todos rodearam Domingos, queriam ouvi-lo para saber, como tinha sido sua vida, em uma década de ausência e silêncio, ele entendeu, e começou dizendo: — Esse tempo todo aprendi, que a vida do pobre é dura em todos os lugares, o que conseguimos de mais valioso nesses dez últimos anos, foram nossos filhos. Lá se produz muito, mas o que produzimos vale pouco, e o que compramos custa caro. Meu sogro acha que quando o progresso chegar, vai melhorar, eu disse a ele, que somente seus netos estarão lá, quando o progresso chegar. Para te-

rem uma ideia, viajamos três dias para chegar aqui. Quando nos mudamos demoramos uma semana para chegar. Como o progresso viaja a passos lentos, talvez daqui cinquenta anos chegue lá.

Sr. Pedro disse, perguntando: — Então onde estão morando é muito longe, meu filho?

— Além de ser longe, as estradas são precárias, as jardineiras quando não quebram, atolam no barro, os passageiros se não levarem comida e água, passam fome e sede, só em um lugar ficamos esperando mais de quatro horas, até desatolarem nossa jardineira. Vocês podem pensar, por que passei tanto tempo sem vir aqui, não foi por falta de vontade. Como viajar com crianças pequenas? Hoje reconheço, moramos no fim do mundo, e cada dia chega mais gente para morar lá.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 12/07/2026.

MAIS UMA DESPEDIDA

Sr. Pedro e Dona Ana entenderam e aceitaram, as razões porque o filho demorou voltar para revê-los. Depois foi a vez de Domingos se inteirar, de todos os acontecimentos ali ocorridos, dos casamentos de seus irmãos, Olavo com Solange e Zenilda com Genésio, da decisão deles morarem na Capital, e trabalhando como empregados, já possuírem suas próprias casas para morar, e sobretudo ter aprendido ler e escrever. Luzia por sua vez, explicou resumidamente a ele, o desfecho de seu fatídico relacionamento com Ota-

cílio, depois o aparecimento de Gilberto, que lhe proporcionou uma vida digna, e agora estavam e viviam muito bem.

Sr. Pedro quis saber do filho, o que havia de fato acontecido com a promessa feita por Sr. Crispin, seu sogro, em dar a ele uma parte de suas terras? Domingos esclareceu ao pai, que até aquele momento não havia recebido nada oficialmente, portanto, não era dono de nada, apenas se juntara a família do sogro, trabalhavam juntos todo esse tempo, sem nenhuma expectativa de progredir. Que caíra literalmente no conto do sogro, que ele e a esposa, estavam decepcionados com a atitude do velho italiano, como era conhecido Sr. Crispin, lá onde moravam.

Sr. Pedro ficou revoltado, disse ao filho para que não mais voltasse, que ficasse ali trabalhando em seu sítio. Domingos agradeceu ao pai, mas não podia aceitar, foram dez anos de trabalho, não poderia deixar de receber por tudo que havia feito, já haviam deliberado que no momento oportuno, exigiriam que o sogro cumprisse em vida, a promessa que fez, não por ele e a esposa, mas pelos seus qua-

tro filhos. Sr. Pedro concluiu que dos quatro filhos casados, Domingos se encontrava em condições menos confortável, a de seus irmãos, estava pagando o preço da desobediência, por não ter escutado seus conselhos quando deliberou ir embora.

Depois de todos se inteirarem da vida de todos, o importante é que estavam com saúde, e continuariam pelejando, seguindo suas vidas, de conformidade com as opções que haviam feito, nenhum deles retrocederia ao ponto de partida, foi a conclusão que o pai chegara, que a essas alturas, não mais se intrometeria na vida de nenhum deles, eram adultos donos de suas vidas.

Aquele Natal talvez fora o mais feliz da família Cardoso Garcia, porque depois de muitos anos, a família conseguiu se reunir novamente, eram agora cinco famílias, estava completa, e as nove crianças, netos de Sr. Pedro e Dona Ana, significavam o sinalizador que a família prosperaria em quantidade para o porvir. Passado o Natal, os paulistanos se foram cuidar de seus compromissos, e dar continuidade em suas vidas, ficando somente Domingos e sua família para o Ano Novo. De fato, como Do-

mingos descreveu as dificuldades de se realizar uma viagem, como a que realizaram, era de se esperar, que não apareceriam por algum tempo.

Antes de irem embora os sete filhos de Sr. Pedro e Dona Ana, se reuniram sem o conhecimento deles, fizeram um pacto entre eles, de todos se reunirem novamente, ali na casa dos pais daí exatamente cinco anos, e assim sucessivamente, até quando estivessem vivos. Todos aprovaram e aderiram ao compromisso, na condição que não poderia ser revelado a eles.

Mas Sr. Pedro e Dona Ana estavam satisfeitos, aquelas visitas inesperadas de Luzia e Domingos, com suas famílias, devolveriam a eles a alegria perdida quando foram embora. Logo que Domingos também se foi, Nelson que muito pouco conversava com os pais, os surpreendeu dizendo:

— A dois meses atrás apareceu a casa de Sr. Nestor, um seu amigo chamado Sr. Arnaldo, que é fazendeiro no Estado de Goiás, e convidou-me para trabalhar em sua fazenda, para lidar com gado, disse que iria pensar, agora está lá na casa dele, voltou para buscar-me caso eu decida ir, então estou comunicando que estou indo para trabalhar com ele.

Sr. Pedro abaixou a cabeça, refletindo e se perguntando, o que teria feito de errado, para que seus filhos o abandonassem daquele jeito, um após o outro, mas não seria agora que iria implorar para que o filho não fosse, conseguiu dizer: — Se você já decidiu que quer ir, não vou impedi-lo, mas quero conhecer esse Sr. Arnaldo, quero saber quem é essa pessoa.

Sr. Pedro colocou o chapéu na cabeça e saiu, para se encontrar com esse Sr. Arnaldo, enquanto Nelson ficou arrumando sua mala, colocando nela as roupas que possuía, e revelando a mãe, os detalhes da proposta que recebeu do fazendeiro. Dona Ana reconheceu ser uma boa proposta, e sabia que o filho sempre gostou de lidar com animais, trabalhava com o pai no cafezal contrariado. Como Dona Ana, vivia resignada com os reveses da vida, disse ao filho: — Se é isso que você quer meu filho, só peço que tenha muito cuidado, e não nos esqueça, e volte sempre para ver seus pais.

Ao chegar à casa do vizinho, Sr. Pedro viu o automóvel preto parado à frente da casa, chegou meio sem jeito, foi recebido pelo vizinho, que o apresen-

tou ao amigo dizendo: — Sr. Arnaldo esse é meu vizinho Senhor Pedro Garcia, pai de Nelson.

Sr. Arnaldo o cumprimentou, depois disse: — Estive aqui a dois meses atrás, vi seu filho Nelson, cuidando dos cavalos do amigo, conversando com ele, disse-me que seu desejo era trabalhar em uma fazenda onde houvesse muito gado e cavalos, então o convidei para trabalhar comigo. Disse-me que não podia deixar o pai, então lhe fiz uma proposta, ele disse que pensaria. Como todos os finais de ano, venho visitar meus pais em São José do Rio Preto, vim até aqui para saber o que havia decidido, ele esteve aqui essa manhã, me disse que resolveu ir.

— Apesar de ser uma boa proposta, meu filho não tem experiência nesse tipo de trabalho, talvez não corresponda a suas necessidades. Não vou impedi-lo de ir, caso ele não seja aprovado, quero que faça o favor de trazê-lo de volta.

— Pelo que percebi, ele vai se sair bem, prometi que poderá vir visitá-los todos os finais de ano, poderá vir comigo, como faço todos os anos. Caso ele não se adaptar e quiser voltar, terá toda liberdade, mas sei que vai dar tudo certo, e o Senhor pode ficar despre-

ocupado, ele estará em boas mãos, compadre Nestor me conhece a muitos anos. Inclusive já estive em minha fazenda, nos visitando a alguns anos atrás.

Conversaram mais um pouco, logo Nelson chegou trazendo sua mala, então Sr. Arnaldo disse:

— Nelson vamos nos despedir, temos que passar em São José do Rio Preto, almoçamos, pegamos minha família e vamos para casa.

Nelson se despediu de Sr. Nestor, de sua esposa Dona Romilda, quando despediu do pai tinha lágrimas nos olhos, Sr. Pedro o abraçou, pedindo que tivesse cuidado, e obedecesse ao patrão. Os dois entraram no automóvel e se foram.

Sr. Nestor disse a Sr. Pedro: — Nelson não vai se arrepender, meu amigo Sr. Arnaldo simpatizou muito com ele. Nós é que vamos sentir sua falta, é um bom rapazinho.

Sr. Pedro se despediu e pegou o caminho de volta. A poucos dias atrás sua casa cheia, agora praticamente vazia, ele e Dona Ana, e os filhos gêmeos, Basílio e Izabel. Suas duas filhas Luzia e Zenilda saíram de casa aos dezessete anos, Izabel já havia completado dezesseis anos, já era uma moça,

não demoraria, logo apareceria um pretendente, o futuro lhe acenava que em poucos anos ficariam sozinhos, ele e Dona Ana.

Antonio Martines Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 13/07/2026.

LIBERDADE DE ESCOLHA

E o tempo seguiu sua trajetória em direção ao futuro, agora as cartas chegavam amígdue endereçadas a Sr. Pedro Garcia, até Domingos vez e outra mandava notícias aos pais. Como Izabel aprendeu ler e escrever satisfatoriamente, graças a boa vontade de Inês, ela quem lia e respondia as cartas dos irmãos, para os pais.

Como havia previsto Sr. Pedro, não demorou muito, Izabel conheceu Afonso, um rapaz que morava em São Paulo, e veio passar uns dias na casa do tio Sr. Eugênio Moraes, pai de Inês, e lá se

conheceram, incentivado pela prima, iniciou um namoro bem discreto entre os dois, como o rapaz morava longe, e ela não o conhecia direito, não lhe deu muitas esperanças. Depois de alguns dias, Afonso retornou a São Paulo para trabalhar, como havia gostado de Izabel, começou lhe mandar cartas, como Izabel já conseguia ler e escrever, passou responder suas cartas, e iniciaram um namoro mais sério por correspondências. Então Afonso veio visitá-la, e conhecer seus pais, e o namoro ficou sério, ao ponto de Izabel ter ido com Luzia e Gilberto a São Paulo para conhecer a família de Afonso, passado algum tempo, ficaram noivos e marcaram a data do casamento.

Passados mais de dois anos, daquele Natal, aconteceu o casamento de Izabel, que tinha agora dezoito anos, apesar de todos os irmãos terem sido convidados, alguns não compareceram, devido a trabalho e distância. Nesse dia Olavo sugeriu ao pai que desse em parceria, o pouco de café que cuidava, pretendia levar Basílio para morar e trabalhar em São Paulo, que já haviam encontrado um trabalho para ele. Como Sr. Pedro e Dona Ana andavam can-

sados, acataram a sugestão do filho, e liberou Basílio para morar na casa do irmão, e começar trabalhar.

Como ficaram os dois sozinhos no sítio, Sr. Pedro deu em parceria o talhão de café que cuidava, comprou uma casa modesta na Vila, e a montou com os móveis essenciais, fecharam a casa do sítio, retirando de seu interior somente roupas, e alguns utensílios de cozinha, e os dois mudaram para casa na Vila. Quando algum dos filhos vinha visita-los, fechavam a casa da Vila, e vinham todos para a casa do sítio, que era mais espaçosa.

Não obstante Sr. Pedro e Dona Ana estar sempre visitando o sítio, porque lá deixaram suas galinhas e os porcos, a vida deles havia mudado radicalmente, consumando o que eles haviam previstos, que um dia acabariam ficando sozinhos. Mas depois daquele Natal, quando todos os filhos compareceram, todos passaram mandar notícias regularmente. E alguns fatos importantes aconteceriam, no decorrer dos cinco anos, que iremos revelar, por ocasião da reunião que fariam no Natal, quando todos se comprometeram participar, com suas famílias, por força do pacto que realizaram.

Estávamos ao início da década dos anos cinquenta, portanto a mais de vinte anos, de quando Sr. Pedro chegou ali com sua família, quando tudo era mata. Relativamente a região havia se desenvolvido, tanto que muitas famílias com instintos mais aventureiros, começavam deixar a região, vendendo suas propriedades pequenas, em busca de áreas maiores em regiões em início de colonização, em outros Estados, e mesmo dentro do Estado, em regiões de fronteiras, ainda pouco habitadas, motivados pela diferença de preço das terras. Outros para tentar a vida nas cidades, trabalhando como autônomos ou operários. O que não era especificamente o caso de Sr. Pedro Garcia, porque nesse período seus filhos, debandaram procurando se estabelecerem, para viverem a suas maneiras. Que iremos revelar, como estariam se desempenhando, nas trajetórias que escolheram percorrer.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 14/07/2026.

EPÍLOGO

Para surpresa de Sr. Pedro e Dona Ana, naquele Natal, o primeiro filho a chegar, foi Domingos o filho mais velho, exatamente o que morava mais distante. Em vez de quatro, trouxeram com eles cinco filhos, agora o casal Domingos e Celina tinham dois meninos e três meninas, quando vieram na vez anterior, a cinco anos atrás, Domingos havia declarado, que o que tinha conseguido de mais valioso naqueles dez anos, eram os quatro filhos, portanto agora estavam mais ricos, tinham cinco filhos.

Aconteceram mais coisas a eles nesse período, quando chegaram de volta daquele passeio, Domingos cobrou o sogro, para que cumprisse o que havia prometido, Sr. Crispin que estava muito bem capitalizado, disse que não queria abrir mão de parte de suas terras, compraria um bom sítio e colocaria em seu nome, Domingos e Celina aceitaram a proposta. Sr. Crispin cumpriu o acordo, comprou um bom sítio, todo montado e deu para a filha e o genro, e eles se mudaram, e agora estão felizes vivendo e trabalhando no que é legalmente deles.

O segundo casal a chegar foi Olavo e Solange. Os pais amam os filhos igualmente, mas sempre existe aquele a quem têm mais afinidades, Olavo sempre foi o filho que mais se preocupava com os pais, dessa vez traziam com eles não somente a filha Vitória, mas um outro garotinho de três anos chamado Felipe. Desde que trabalhava com o pai Olavo sempre foi muito trabalhador, mas do tipo acomodado, continuava trabalhando na mesma Indústria de Calçados de quando começou. Atualmente exercia um cargo de chefia, muito bem remunerado, ampliou sua casa, e continuam mo-

rando no mesmo lugar. Um fato a de se registrar, se Olavo não tivesse feito o curso de alfabetização de adultos, certamente não teria sido promovido, e seu salário seria bem inferior.

O terceiro casal a chegar foi Luzia e Gilberto, esses trouxeram somente os dois meninos, Gustavo e Álvaro, nesses últimos cinco anos Gilberto tornou-se o terceiro sócio da Empresa de Alimentos, onde sempre trabalhou, antes a Empresa possuía dois proprietários, Gilberto participou investindo suas economias na ampliação que fora realizada, tornando sócio minoritário, além de seu bom salário, tem participação em vinte por cento, nos lucros da Empresa, pode-se dizer que se encontra muito bem financeiramente.

O quarto casal a chegar foi Zenilda e Genésio, trouxeram o mesmo lindo casal de filhos, Carlos e Anita. Todos estão lembrados que Genésio começou trabalhando, juntamente com Zenilda e Solange, em uma Fábrica de Tecidos, enquanto lá trabalhava, participou do curso de alfabetização de adultos, onde aprendeu ler e escrever, muito deficitariamente. Depois fez o curso de torneiro mecânico, saiu da

tecelagem foi trabalhar como torneiro mecânico em uma conceituada oficina, onde se revelou ótimo profissional, foi convidado fazer um teste, e foi aprovado para o cargo de torneiro mecânico nas oficinas da Companhia Paulista de Estradas de Ferro (CPEF). Onde passou fazer um trabalho relevante, e passou receber um excelente salário.

O quinto a chegar foi Nelson, acompanhado de sua jovem esposa Mirian, e do filhinho Murilo, esse jovem vaqueiro tirou sorte grande, em poucos anos arrumou sua vida, casou-se com a filha mais velha de Sr. Arnaldo seu patrão, uma moça muito bonita e simpática. Agora ele com vinte e três anos, Mirian com vinte anos, e o filhinho Murilo com apenas um ano. Depois que Nelson se casou com Mirian, o sogro mudou com a família para uma cidade próxima, ele e a esposa passaram morar na casa principal da fazenda do sogro, exerce o cargo de gerente, na ausência de Sr. Arnaldo, comanda os funcionários e administra a fazenda com cerca de mil e quinhentas cabeças de gado, e dezenas de cavalos, além de vaqueiro, aprendeu operar o trator da fazenda. Sr. Arnaldo é pai de mais duas filhas solteiras, que es-

tariam estudando fora. Tem o genro Nelson, como seu braço direito, para ajudar cuidar de seu patrimônio.

O sexto a chegar foi Basílio, por ser ainda solteiro, trouxe apenas a namorada Flávia e sua mãe Dona Vera, que infelizmente havia perdido seu marido a três anos. Nelson trouxe a namorada e a futura sogra, para conhecerem sua família. Com intenção de formalizar seu noivado, porque pretendiam se casar, assim que as condições permitissem. Conheceu Flávia na fábrica onde foi trabalhar, ambos agora com vinte e um anos, Basílio perdeu aquele seu jeito matuto, mudou sua aparência e seus modos, ficando mais extrovertido, os dois formavam um lindo casal.

Por último como haviam programado, chegou o casal Izabel e Afonso. Izabel grávida a seis meses, continuava bonita como quando solteira, Afonso era todo cuidado com a esposa. Não obstante Afonso ser um simples bancário, pertencia a família Moraes, bem tradicional e abastada. Seu pai era irmão de Sr. Eugênio Moraes, o sitiante abastado, pai de Inês, o primeiro na região a possuir um aparelho

de rádio, conforme mencionamos ao início de nossos relatos. Afonso nesses poucos anos de casado, estava se revelando um ótimo companheiro, e Izabel demonstrava estar muito feliz ao seu lado.

Quando Sr. Pedro e Dona Ana chegaram àquele lugar, a vinte quatros anos atrás, trouxeram quatro filhos, depois nasceriam mais três, totalizando nove pessoas. Poderíamos considerar que agora, a família era composta de oito casais adultos, doze netos, sendo sete meninos e cinco meninas, em breve nasceria o filho de Izabel. Se computarmos os cônjuges dos filhos, a família de Sr. Pedro e Dona Ana era composta até aquele momento de dezesseis adultos, treze crianças, ao todo vinte e nove pessoas.

A casa do sítio ficou pequena, para abrigar tanta gente para pousar. A solução foi Olavo e Solange ir dormir na casa de Sr. Guilherme, Genésio e Zenilda foram à casa de Sr. Casimiro, Nelson e Mirian, foram dormir na casa de Sr. Nestor, muito amigo do pai de Mirian. Afonso e Izabel foram à casa de Sr. Eugênio, tio de Afonso, ficando na casa com os pais apenas três casais. Domingos e Celina, Luzia e Gilberto, Basílio e Flávia e Dona Vera sua mãe. No

outro dia, véspera de Natal pela manhã, todos retornaram, em verdade os irmãos, tinham muito que conversarem.

Enquanto conversavam, Sr. Pedro sentou-se em banco no quintal, ficou ao longe observando e pensando: “Se todas aquelas pessoas, morassem e trabalhassem aqui em meu sítio, certamente passaríamos fome, o sítio não produziria suficiente, nem para nossa alimentação, e nenhum de meus filhos possuiriam nada de valor”. Então reconheceu o quanto estava errado, quando imaginou que ele, e aquele seu cafezal, poderiam ser eternos supridores de sua família. Mas não tinha coragem de dizer isso aos filhos, porque certamente eles no passado, haviam percebido que não havia espaço ali para todos, se lá fora existia um manancial de riquezas e oportunidades, bastava ter coragem para se aventurar, lutar e vencer.

Passado o Natal, alguns precisavam retornar para suas casas no dia seguinte, outros poderiam ficar mais um ou dois dias, mas logo todos teriam que ir embora. Todos tinham suas obrigações, seus deveres a cumprir, porque todos eram livres, donos de

suas vidas, e acima de tudo, responsáveis pelos seus futuros.

E Sr. Pedro e Dona Ana, continuariam ali, juntos daquilo que construíram, ao longo da parte mais produtivas de suas vidas, ficariam ali cuidando de suas obrigações, esperando uma carta de um filho, ou uma visita repentina, felizes por saberem, que todos seus filhos também, estavam construindo seus espaços, no lugar que escolheram para viver. E mais felizes por terem cumprido, a nobre e sagrada missão que Deus lhes outorgou, de serem pai e mãe de sete filhos.

Antonio Martinez Brentan

São Sebastião do Pontal - MG, 14/07/2026.

Fim



Antonio Martines Brentan



Nascemos para o Mundo

